

REVISTA

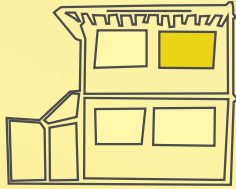
CASAGALERIA OFICINA DE ARTE

NÚMERO 2 ANO 1



EXPOSIÇÃO: AFETOS EM PAISAGENS

- *ENTREVISTA COM A ARTISTA VISUAL IÊDA MERCÊS*
- *UNIVERSO DO FEMININO*
- *COM O PÉ NA PORTA*
- *TRANSES*
- *A MULTIPLICIDADE ME ENCANTA*



CASAGALERIA
OFICINA DE ARTE

CURSOS 2021

PINTURA

COM A ARTISTA VISUAL **SUELI ROJAS**

DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO
DO ALUNO NO TRABALHO COM
DIVERSAS TINTAS E SUPORTES:
**PASTEL SECO/OLEOSO, NANQUIM, AQUARELA,
ACRÍLICO E ÓLEO**

**FAZ PARTE DO PROCESSO VISITAS
A MUSEUS E GALERIAS**

RUA FRADIQUE COUTINHO, 1216 - VILA MADALENA
FONE: 55 11 3841 9620

DE TERÇA A SEXTA DAS 13H ÀS 19H E SÁBADOS DAS 13H ÀS 17H

 **CASAGALERIA E OFICINA DE ARTE LOLY DEMERCIAN**

 **CASAGALERIA_OFICIAL**

loly@lolydemercian.com.br / delolis@gmail.com

www.loja.casagaleria.com.br





Capa: foto de Catarina Rojas Francia



Na edição nº 2 de nossa revista a pauta será “o Feminino”, visto não como metáfora, mas como metonímia, ou seja, quando a parte é mais importante do que o todo. O estudo das partes como forma de exercitar e refletir o olhar para o outro, uma abertura para novas perspectivas e o questionamento de como lidamos com as mil formas de “ser mulher”; a alteridade como estado de abertura no campo de percepção.

Nesta edição será publica entrevista com a artista visual e DJ, Ieda Mercês, feita pelo curador Diogo Barros, falando sobre sua trajetória, pesquisas e processos.

Teremos dois artigos sobre o universo feminino: o primeiro deles versando sobre “Universo do feminino” na história da arte, com a historiadora e pesquisadora do Museu de arte contemporânea de São Paulo Prof^a. Dr^a.Silvia Meira; no outro, intitulado “Com o pé na Porta”, a historiadora, jornalista e Prof^a. Dr^a. Mirian Meliani Nunes discorre sobre questões que envolvem as mulheres nas artes e na literatura, bem como suas pluralidades. Na página Opinião, com o ensaio Transes, Diogo Barros reflete sobre a produção da artista visual e performer Rapha Dutra. No ensaio , a fotografa e poetisa Tóia Azevedo, nos apresenta sua pesquisa “A Multiplicidade me Encanta”, em torno das Deusas .

Por fim, será apresentada a exposição Afetos em Paisagens, com curadoria de Loly Demercian e Diogo Barros, texto crítico Loly Demercian.

Essa exposição é integrada por oito mulheres: Ana Carmen Nogueira, Marcia Gadioli, Ieda Mercês, Maria Fernanda Lopes, Marietta Toledo, Nádia Starikoff, Rapha Dutra e Simone Prado, que nos mostrarão suas pesquisas sobre afeto e suas singularidades. Desejamos uma boa leitura e aproveite para visitar a exposição pelo tour virtual: tour.casagaleria.com.br/afetos.

Loly Demercian

CASA GALERIA
oficina de arte
Rua Fradique Coutinho, 1216
Pinheiros
Fone: 3849 9620
www.casagaleria.com.br

**EDITOR DE ARTE & CULTURA
E CURADORIA**
Loly Demercian

REVISÃO
Carolina Demercian

FOTOGRAFIA
Catarina Rojas Francia

COMERCIAL
www.loja.casagaleria.com.br

DESIGN GRÁFICO
Sueli Rojas

COLABORADORES
Diogo Barros

Maria Fernanda Lopes
Mirian Meliani Nunes
Silvia Meira

Facebook: CasaGaleria e oficina de arte Loly Demercian
Instagram: casagaleria_oficial
Twitter: CasaGaleria e oficina de arte loly Demercian
LinkedIn: @Casagaleria Loly

sumário

ACERVO 6

ENTREVISTA 8
CONVERSA COM A ARTISTA IEDA MERCÊS

ARTIGO 1 12
UNIVERSO FEMININO

POEMA 24
MARIA FERNANDA LOPES

ARTIGO 2 26
COM O PÉ NA PORTA

OPINIÃO 30
TRANSES

CAPA/EXPOSIÇÃO 32
AFETOS EM PAISAGENS

ENSAIO 78
A MULTIPLICIDADE ME ENCANTA

FOTOGRAFIA 82
RAPHAELLE FAURE-VINCENT



12

26



22



6



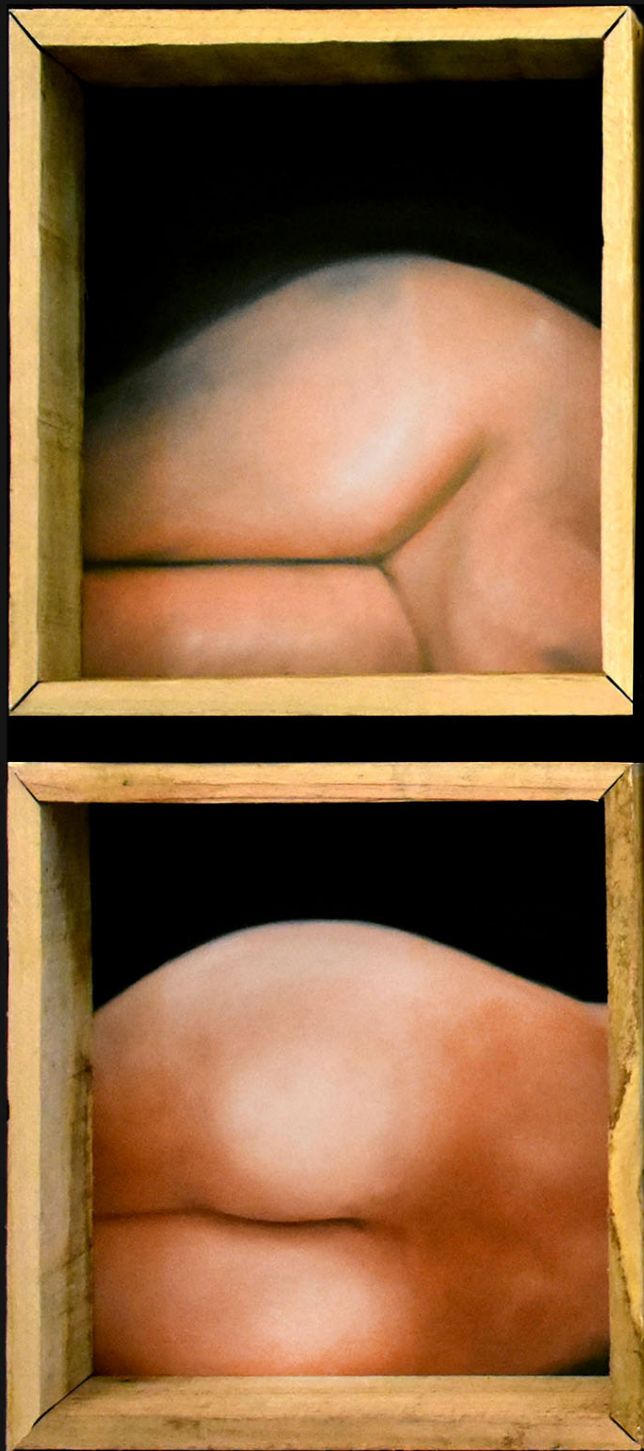
82

32



acervo

Encaixotando Helena
SUELI ROJAS
Técnica: Óleo s/ tela
Tamanho: 6 caixas 40cm x 40cm
Ano: 2020





CONVERSA COM ARTISTA

DIOGO BARROS

IEDA MERCÊS é Artista Visual e DJ, nascida em SP Capital. Pesquisa a paisagem do invisível a partir da subjetividade como eixo. Um estudo que vislumbra cenários ocultos a partir de uma geografia da ilusão, um ensaio para documentação do invisível. A investigação busca estabelecer - através de manifestações artísticas diversas - um diálogo com a imaginação, os sentimentos e o universo estético.

co.

A Artista abre a exposição *Afetos em paisagens* na CasaGaleria e oficina de arte Loly Demercian com o tríptico *Megitrev*, da coleção ***Do real à ideia: paisagens invisíveis***.

Nesta entrevista Ieda nos conta sobre sua trajetória, pesquisas e processos, e sua experiência nessa exposição coletiva com outras sete mulheres.

Diogo: Antes da entrevista tomar corpo, a artista já nos oferece um ponto de partida sobre sua pesquisa em torno do invisível:

Ieda: Meu foco de pesquisa em artes visuais parte do que não vejo. Então, sigo por um referencial individual de invisível, que sempre vai tanger o mundo dos sentimentos, da imaginação, do que não nomeamos porque nos é desconhecido.



Artista ao lado de seu trabalho *Do real à ideia: paisagens invisíveis. Megitrev, 2019-2020.*

Diogo: O seu trabalho mexe com a percepção de quem observa suas imagens abstratas. O reconhecimento e identificação dos elementos visuais em suas composições dependem das relações traçadas entre espectador e obra ?

Ieda: A minha inclinação é pesquisar a paisagem do invisível a partir da subjetividade... Um estudo que revela cenários ocultos a partir de uma geografia da ilusão, de uma conversa com a imaginação, com os sentimentos, com o universo estético... São portais. São outras dimensões. É o micro, é o macro? E eu vou sempre expandindo.

Diogo: A abstração parte de uma paisagem já existente transformada em suas fotografias?

Ieda: Exploro um horizonte concreto e o subverto, crio outro a partir dele. Nesse processo, me interesso pelo sentimento de estar em outros cenários, outras paisagens, outros futuros. Minha imaginação materializa o invisível e essa conversa é sobre isso: a materialização do invisível a partir da imaginação. O abstrato é o espaço que me permite projetar um mundo meu.

Diogo: Nos conta sobre sua trajetória como Artista Visual, DJ e Produtora Musical, Educadora, e de que forma todas estas áreas se relacionam em seus trabalhos?

Ieda: Sou antes de tudo uma colecionadora de imagens e de sons. Desde pequena esse universo é meu espaço seguro, onde eu entro e posso me olhar, me expor e posso criar sem medo. Arte sempre foi tudo a minha volta. Os relacionamentos, os sentimentos, as experiências, a subjetividade. Sempre me interessei pela solidão de estar num mundo que muitas vezes não entendo. Quem traduz esse mundo pra mim é o som, é a imagem. O universo das artes sempre foi um lugar para entendimento de mim mesma.

Diogo: Fale mais sobre como você elabora sua relação com o conceito de invisível.

Ieda: Acho que falo desse conceito a partir de mim mesma, porque sempre me senti invisível. Me imagino o tempo todo em outras realidades, me coloco novas perguntas. Por isso meu processo de criação é sempre um ritual que envolve música e solidão. Quando desenho, por exemplo, produzo muito de olhos fechados. Ser artista sempre foi desejo de infância. Mas sempre sofri em querer atuar em muitas linguagens. Atuar como Artista Visual, DJ e Educadora me permite organizar o trabalho com diversidade expositiva: gosto de falar pelas paisagens, pelos sentimentos e pelos sons. A imaginação te dá acesso a esses lugares e não lugares.

Diogo: Seu contato com as artes ocorreu logo na infância?

Ieda: Minhas primeiras memórias remetem ao meu pai pintando quadros com figuras em relevo na década de 80, até minha introdução ao universo da música aos 6 quando me apaixonei por cantar. Sempre foi esse constante aprender e experimentar em casa, mas as artes não tinham 'espaço exclusivo'. Ela era mais como algo 'inevitável'.

Mais tarde, minha mãe desenvolve comigo ideias paisagísticas a partir do objeto e sempre me encorajou a experimentar a escultura. Nesse 'passado-presente', vejo espaços de conversa e de constante investigação e construção. Acaba sendo um cenário seguro para minha mente, me tira da ideia de real e me propõe o inverso.

Diogo: A exposição Afetos em paisagens sendo a única artista negra no espaço. Sua posição na expografia, logo na entrada, foi pensada justamente pela relação entre artistas negras e o mundo da arte, ainda excludente. A artista comenta sua inserção na exposição quando perguntada sobre o significado de ser uma artista negra e lésbica neste contexto.

Ieda: Me sinto honrada em abrir essa jornada expositiva de '*Afetos em paisagens*'.

Quando questões que envolvem sexualidade, raça e gênero surgem, sempre penso: Nunca foco nesses marcadores quando estou criando. Mas eles estão lá, sem sombra de dúvida. Vir de um cenário como a periferia sendo

entrevista

preta já me traz um background muito interessante.

Esses dias refiz alguns caminhos que eu fazia quando era adolescente no bairro que cresci. Que sensação familiar e nova. Um grande reencontro meu com aquelas ruas, aquelas árvores, aqueles sons. Eu quero mapear isso artisticamente. Foi muito emocionante, uma experiência de dobra de tempo, tanta coisa mudou, tanta parece intacta. Fiquei o tempo todo com a sensação de que veria a mim mesma andando por alguma rua. Foi fantástico. Ser mulher, ser negra, ser lésbica me insere nesses marcadores, mas penso que o mais importante é falar desse corpo protagonista. Falar sobre o protagonismo feminino invisibilizado historicamente pelo patriarcado e como isso tem influência nas relações entre gêneros e na perspectiva da desigualdade sexual.

Diogo: No decorrer da conversa, perguntei a Ieda sobre a leitura de um “cenário atual”, e de que forma ela se insere nele como indivíduo e artista ?

Ieda: Falar sobre ‘cenário atual’ é literalmente como entrar num portal onde me vejo todos os dias sem tempo de processar. Senti muita paralisia, a paisagem política agrava muito esses precipícios. Mas não tenho muita vocação pra inércia. Tenho pensado muito o papel da arte, na minha maneira de operar. É uma luta acreditar no que sinto e agir de acordo. Eu tento, fracasso, reajo, tento de novo, fracasso

melhor (risos). Se formos falar de crise, é preciso saber que essa crise é da humanidade, do ser humano. Mas meu olhar sempre vai pra análise subjetiva.

A Arte é pra mim uma conversa aberta com a subjetividade. Meu objeto de pesquisa começa na infância, onde sempre me vi imaginando qual forma teriam as coisas que não podemos ver, que sensações que ainda não sentimos, como isso pode nos atravessar através das experiências que vivemos.

A inteligência técnica é fantástica, mas me inclino a emocional, por considerá-la resposta às nossas mais profundas questões. E eu quero sempre me orientar por isso, não importa o cenário que esteja lá fora.

Me sinto numa viagem de trem,

vivendo o mesmo dia por 39 anos. É uma viagem longa, mas me mantenho atenta. A maior parte das respostas pras nossas perguntas estão orbitando em nossa volta.

Diogo : Para finalizar, pedi para a artista nos contar sobre suas referências.

Ieda: Meu processo de construção de imagem passa muito pela imaterialidade do trabalho de performance de Marina Abramovic. A força dos trabalhos de Ayrson Heráclito me afeta muito e me aproximei bastante do trabalho dele nos últimos 5 anos. Na escultura, Palatnik. Na música enquanto experiência visual me conecto com muitos Artistas e elementos, mas vou citar Bjork e Solange Knowles.



Ieda Mercês e Diogo Barros

DIOGO BARROS é curador, arte educador e crítico, formado em História da Arte, Crítica e Curadoria pela PUC SP.

exposição
ECOS DO EFÊMERO

GRUPO
SETE +

De 01 /10 a 19/12 de 2020

Tour virtual
oficinasulturais.org.br/efemero/

Workshops

Live no Youtube Oficinas Culturais do Estado de São Paulo

Visitas guiadas

Live no Instagram @oficinasulturais

Oficina Cultural Oswald de Andrade / Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, São Paulo-SP
Funcionamento: de segunda a sexta-feira das 9h às 21h e aos sábados das 10h às 18h.
Telefone: (11) 32214704. www.oficinasulturais.org.br

Apoio Institucional:

Produção:

Realização:



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

UNIVERSOS D

SILVIA M. MEIRA

A

figura feminina desde os primórdios dos tempos esta ligada a natureza da beleza e a história da criação do universo. Vênus é frequentemente representada como Humanitas, com elevados valores humano transmitidos na imagem pudica, singela e

transparente do corpo feminino. As formas do feminino são tidas como divinas, deusa do amor, a representação da mulher é vestida pelo refinamento e elegância, reflete através da luminosidade, a admiração e a tradição do gosto do Ideal do Belo, onde o feminino, com tons suaves e

sensuais, aparece como uma Virgem ou com uma Madonna, predestinada a responder as exigências de sua prole, determinismo que designa a mulher a função de maternidade.

Visões da feminilidade vão estar presas ao corpo feminino, onde os elementos de base para acepção do

O FEMININO

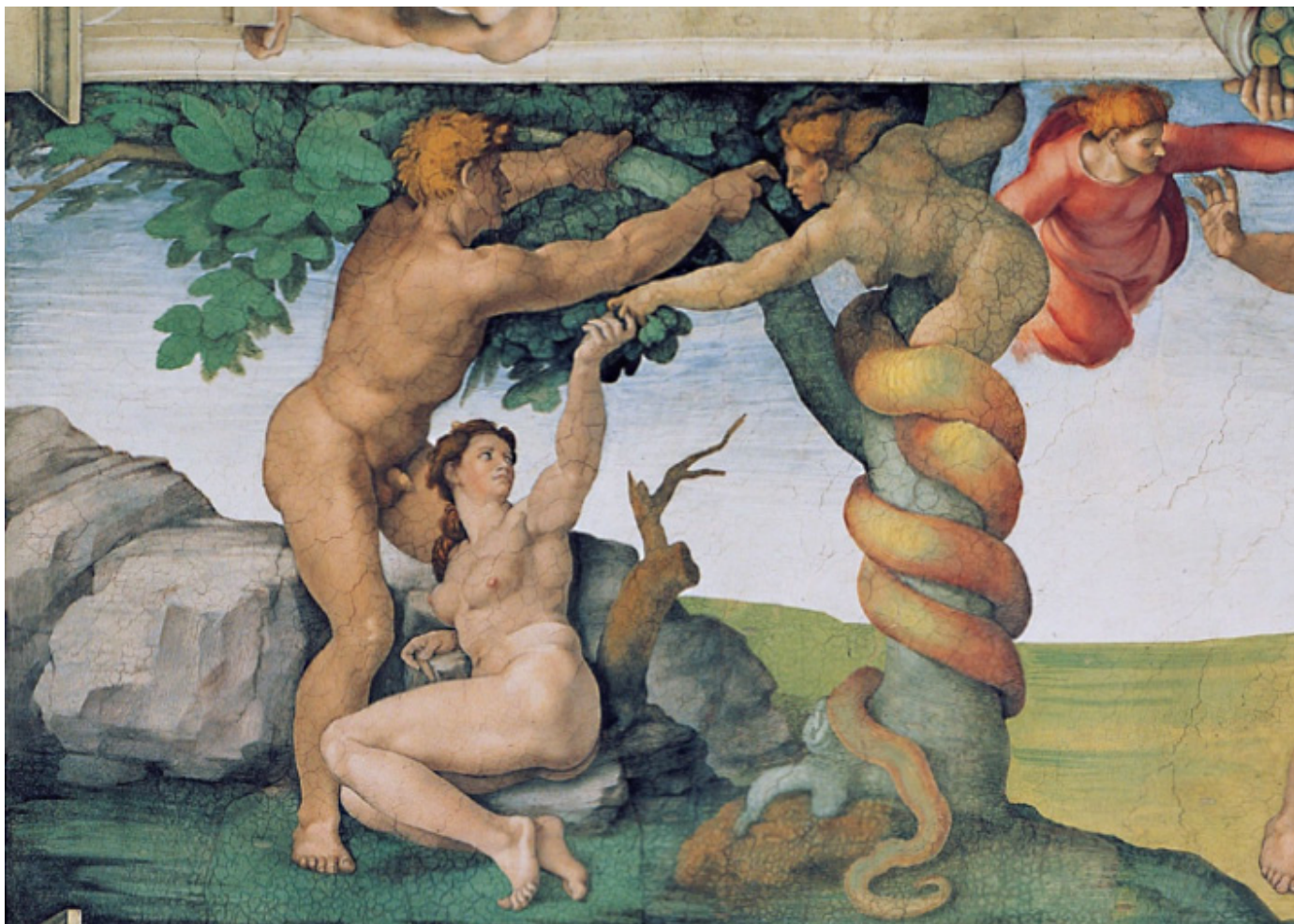


Belo como elegância, splendor, graça, discreto, e fulgor vão ser transmitidos através da proportio, mimesis (imitatio), ordinatio, dispositio, summetria, décor e distributio, principalmente nas narrativas clássicas.

Assim, a conveniência e a justa medida das proporções da figura hu-

Obras de Botticelli.

À Esquerda - O nascimento de Vênus, 1477/78, 184 x 285,5 cm, Paris, Museu do Louvre. À Direita - Detalhe da obra Primavera, 1482 Tempera on panel, Galleria degli Uffizi, Florença.



mana, vão designar as imagens em harmonia com o culto do Belo, em torno da figura feminina. O prazer do Belo estava ligado à perfeição, à ordem moral e ao juízo de valores e de conduta.

Todavia a mulher é representada também por Eva, com menos frequência, como responsável pelo pecado, como a pessoa que comeu do fruto proibido, transformando-se numa imagem ligada às tentações da carne, com poderes de persuasão e perversão.

O conjunto de interdições, permissões, normas e regras, estabelecidos histórica e culturalmente, em torno da sexualidade tinham o intuito de controlar a prática sexual, principalmente nas mulheres.

As proibições eram interiorizadas pela consciência graças aos inúmeros procedimentos e penitências sociais, expulsas as fantasias para não serem transgredidas, já que traziam sentimentos de dor, sofrimento e culpa. A repressão da sexualidade feminina foi durante séculos, causa do culto a futilidade.

A prática supostamente biológica e natural do sexo sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da Sociedade, da Cultura e Religião. Ocultar, dissimular, disfarçar eram sinônimos para a repressão sexual, atitude exigida para mascarar conteúdos e desejos altamente sexualizados. A confissão cristã,

a direção espiritual e o exame de consciência na procura do amor divino colocavam no sexo selvagem poderes obscuros.

A representação do Amor Materno foi por muito tempo a nobre imagem da mulher, amor esse concebido em termos de instinto e da natureza do feminino, como se o fenômeno fisiológico da gravidez, correspondesse a atitude maternal. A verdade tida em outros tempos como nata, para a descrição da feminilidade, é contrariada por estudos antropológicos, que comprovam que o amor materno não é um instinto inato do corpo feminino, mas um comportamento conquistado, com extrema variabilidade segundo as diferentes culturas.



Detalhe do afresco da Capela Sistina, Roma, Adão e Eva expulsos do Paraíso 2



Detalhe da obra de Correggio Madonna, Itália séc. XVI

O amor materno, que pode existir ou não, que pode se desenvolver ou desaparecer no pós parto, contraria a crença generalizada de que está inscrito na natureza do ventre feminino, os deveres maternos. O mito permite que as mães urbanas hoje sacrifiquem seus anseios de maternagem pelo engrandecido trabalho com inserção na sociedade, a serviço da ideologia da independência e, com intenções liberais, existindo um mal entendido e até mesmo um conflito, sobre essas funções maternas, hoje conquistadas também pela paternidade.

Não devemos esquecer historicamente o quanto a entrega das crianças a uma ama de leite, era prática corrente nos meios mais di-

versos da sociedade, transferida as obrigações maternas a outras. Mesmo reconhecendo que as atitudes maternas não pertencem ao domínio do instinto, o mito do amor materno é atribuído com frequência as mulheres, com aparente parentesco com os animais, porque não falar sobre o sentimento humano de amor materno, de dedicação a criança que se manifesta de diferentes maneiras tanto no homem como na mulher.

A História das imagens na Arte nos serve de base referencial para

analisarmos como o tema da feminilidade é abordado neste território através dos tempos, e especificamente como essas narrativas escrevem o Discurso do Feminino em seus contextos sócio-culturais.

Ligadas a perfeição, a representação feminina evidencia a sublimação dos desejos eróticos e dos desejos de gozo, em prol da natureza do sagrado, da família, da moral, das convenções sociais, da propriedade e das tradições, fundamento econômico e religioso da família.

artigo 1

O discurso do Ideal do Belo entorno do corpo feminino, escancara no ritual de apreciação do objeto desejado, objeto de prazer e de gozo, os benefícios que a sociedade usufruí com esse discurso que cultua o corpo da mulher. Ao feminino pertence a transmissão dos valores éticos e sociais, o caráter e a formação da personalidade da prole, a garantia da transmissão de bens, valores atribuídos a matriarca, que fazem com que, o dispositivo do prazer feminino seja por muito séculos, dependendo da sociedade, relegado a um outro plano.

A liberdade sexual não pode ser confundida com a libertinagem, as imposições da moral, conseqüentes da educação desvirtua com medidas saneadoras, jurídicas e políticas o sexo-desejo, causando neuroses, aberrações, até inversões sexuais aos indivíduos. É necessário se abordar o desejo e suas possibilidades de satisfação sem transgressão ou castigo.

A pintura Neoclássica descritiva e com forte realismo, onde o traço linear assume maior importância que a aplicação da cor, teve como base os ideais do Iluminismo e um renovado interesse pela cultura da Antiguidade Clássica, advogando princípios da moderação, equilíbrio e idealismo como uma reação contra os excessos decorativistas e dramáticos do Barroco e do Rococó.

A mulher central está parando um banho de sangue em busca da paz, como proibição das guerras. Ela pertencia à cidade de Sabinos e havia sido seqüestrada pelos romanos. Naquela época, ela intervém entre o marido, o rei de Roma, e seu pai, o rei dos Sabinos, eterno dilema feminino. A mulher é sujeita às obediências que lhe são impostas pelo pai, dominada e submissa, é deslocada, segundo os princípios de alianças táticas, e instituições monárquicas, ao marido. Abando-





Detalhe da obra de David, A intervenção das mulheres Sabinas, 1799, óleo sobre tela, 385 x 522 cm. Musée du Louvre, Paris. Preso com a queda de Robespierre (1794) foi sua mulher que o resgata.

nando pouco a pouco o caminho da preciosidade e futilidade, o universo feminino vai em busca de poder. O poder se adquire, e se exerce a partir de inúmeras relações.

Já que se proíbe ao conhecimento feminino participar ativamente da sociedade condena-se a ciência das mulheres a superficialidade. A aparência é o grande senhor em contínua mudança das mulheres.

“Courbet oferece ao olhar, com tranquilidade uma dimensão meditativa, quase sagrada do órgão feminino. Parece-me a radicalização deste processo de transformar a mulher em um objeto orgânico, pois ele esconde a cabeça (pensante) e os braços e as pernas (elementos da ação). Vemos a ponta do seio e, sobretudo, o sexo”.

Na época em que Courbet (1819-1877) recebe a comanda e pinta essa tela, os nus eram inscritos em contextos mitológicos ou oníricos, nus idealizados, sem a confrontação cruel com a realidade, no entanto a arte sofria um momento de transformação. Os artistas passavam a contar menos com os velhos mecenas – como os reis e a Igreja – e o mercado das artes se afirmava como nunca antes: representar o mundo tal qual ele via – não idealizada nem artificial.

Courbet buscava a revelação da verdade, pretendia que seus quadros fossem um protesto as convenções aceitas do seu tempo, chocassem a burguesia, proclamava o valor da sinceridade, da intransigência do artista a seus princípios, contra a manipulação da tradição, da existência de um gosto, e de todos os clichês da estética clássica. Abandono do instrumental da pintura como registro histórico da sociedade, registro de hábitos e costumes, ampliando as visões da arte em prol do simbolismo, da metáfora, propondo reflexão.

A arte interfere profanamente na conformação de uma dada realidade,



Detalhe da obra Courbet, L'origine du Monde, 1866, óleo sobre tela, 46 x 55 cm. Musée d'Orsay, exposta somente em 1988.

libertando-se do realismo, desfaz o entendimento conhecido, provocando estranhamento, tensão e fissura, contextualiza a liberação para o conhecimento do ilógico e do irracional. A arte atua como uma espécie de contra dispositivo, apresenta uma forma outra de ver o mundo, na medida em que desarma ou desabilita os mecanismos de ordenação conhecido dos signos.

A tela apresenta cinco mulheres nuas através de figuras compostas por planos e faces desfiguradas, inspiradas pela escultura ibérica e pelas máscaras africanas. O espaço comprimido que as figuras aparecem em fragmentos irregulares, sugere que há algo sendo escondido. Corpos femininos mascarados, aludem ao animalesco e a barbárie, apresentam-se em oferta com olhares vazios e estagnados.

O palco comum de busca de satisfação e prazer masculino foi du-

rante muitos séculos, mantenedor das famílias, regra ocultada e interdita pela sociedade principalmente cristã, onde os prazeres paralelos eram condenados pelas leis sociais. Avignon, parte do título da obra, refere-se a uma rua de Barcelona famosa por seu bordel, a tela evoca a situação do prostíbulo e a prática da prostituição feminina.

A figura híbrida provém de um vocabulário que possui inúmeras matrizes, ainda por serem enunciadas, apresentando uma gramática de interseção dos elementos deslocados. A chocante solução visual traz a narrativa desconcertante da lógica do surrealismo. Rasgam a coerência e a ordenação do mundo, fascina com sua visibilidade, traz os cruzamentos da consciência imaginária, das fantasias e das ilusões. O modo de dar a ver apresenta dimensões da desambientação. A experiência traz ao olhar o banal como fantástico,



Picasso, P. *Les Femmes d'Alger*, 1907, óleo sobre tela, 243 x 233 cm. Nova Iorque, MoMA.

como perturbador, como curioso. A metáfora inesperada e a desproporção surpreendente da imagem, desloca o sentido lógico.

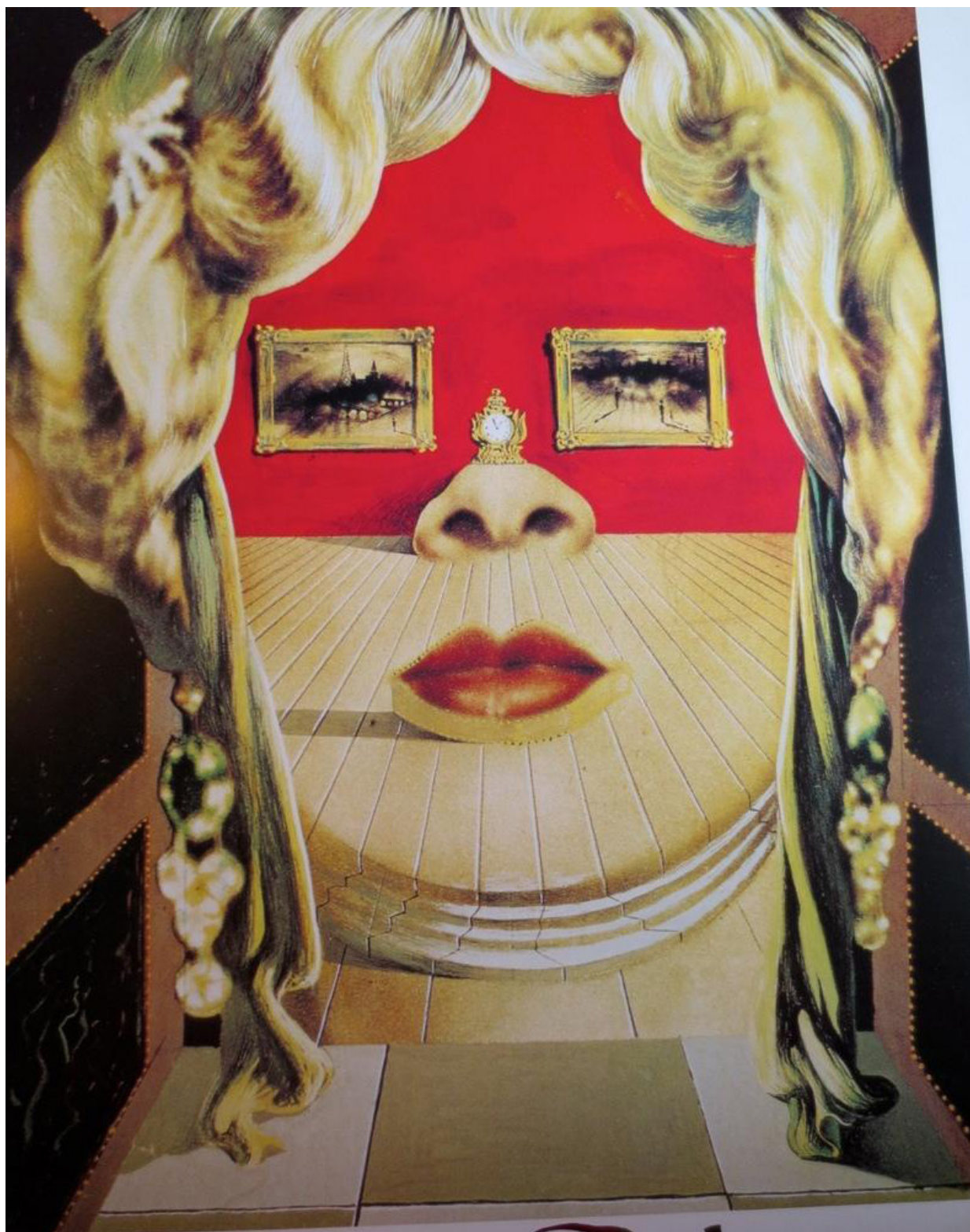
A sobreposição de imagens que se procuram e se perdem, típicas da imaginação, apresenta a associação livre de idéias. Característica de uma realidade irreal, efeito da simboliza-

ção tem a capacidade de mobilizar a imaginação do observador a partir das relações construídas, dentro de seu próprio espaço, sem fazer justiça à realidade, descartando as regras do jogo da existência empírica, alude a futilidade feminina.

O “estranho inquietante (Das Unheimliche)”, segundo Freud é o

efeito perturbador da visão provocado por elementos artificiais capazes de abrir na consciência uma dimensão invisível e invasora de percepção. Os enigmas do inconsciente fazem ver o que não pode ser dito, revelam um segredo oculto. A ordem da visibilidade, representação das relações do visível, tem como essência o fazer ver

artigo 1

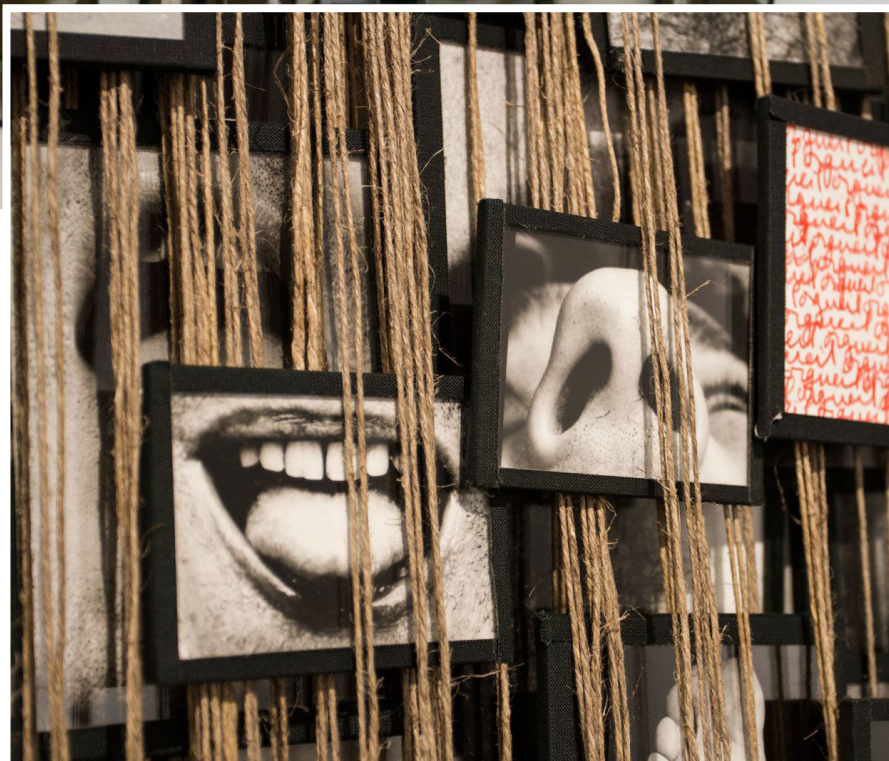


Salvador Dalí, Face of Mae which May be Used as an Apartment, 1935, Gouache on newspaper; 31 x 17 cm, The Art Institute of Chicago, Chicago



racional, apresenta a própria potência do visível, a operação de desordenação deste saber.

As coisas da arte em geral, se apresentam como modos específicos de união entre o pensamento que pensa, e o pensamento que não pensa, intenção que aí se exprime e conteúdo que aí se revela. O território colocando o imaginário em questão, como um espaço fluido em movimento, aparece em imagens soltas que se reelaboram sem cessar, cada uma delas sugerindo inúmeros fios que se estendem a leituras variadas, combinações da fantasia, fragmentos do real, nexos das ilusões, evocações do prazer e do



Detalhe da instalação de Annette Messager, Mes Voeux 1988, (147 x 140 cm)

artigo 1

desprazer.

O contemporâneo defende a busca do prazer sexual da mulher, onde a prática lícita ainda é encoberta por memórias que repercutiram, por gerações em condicionamentos sociais. A liberação desse direito feminino ainda é tabu na sociedade ocidental, os jardins das delícias femininos são sem dúvida, proibidos pelo discurso econômico e social. Não mais associados ao pecado, mas a biologia da reprodução, a colocação do sexo em discurso ainda é raro.

As ditaduras da estética do corpo feminino contemporâneo criaram inúmeras intervenções clínicas nos corpos dissidentes. O Ideal do Belo surgiu da presunção da existência de um entendimento ordenado e certo do mundo, através da crença de que se pode colocar as coisas em seu lugar.

As experiências contemporâneas aceitam e recebem tudo, trazem a dissonância do existencial sob o slogan Diga-nos algo que não sabemos retratar que o atraído a fabricar sentido pode ser perturbador.

Experimentos de dimensões de transitoriedade, de que se perceba que está vivo, estão sendo distribuídos.



Detalhe da obra de Jenny Saville Você, 1998, óleo sobre tela, 274,3 x 213,4 cm

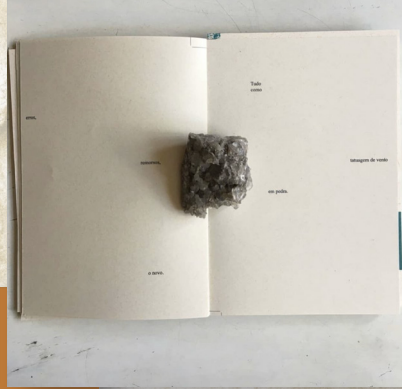
Estranhamente e impecavelmente, o inapropriado e sem sentido desvia o olhar, atravessa a situação que anun-

cia, promove enxergar-se, abriga e mobiliza lugares do afeto, onde o que vemos é aquilo que nos olha. ■



SILVIA MEIRA: Possui graduação em Psicologia Clínica (1986), mestrado em Psychologie Clinique Et Pathologique pela Universidade René Descartes Paris V (1989) e doutorado em História da Arte no Século XX pela Universidade Paris IV Sorbonne (1993). Conservadora em museus pela École Nationale du Patrimoine (1992-1993), França. Livre Docente pela ECA/ USP (2008), em Estética na Publicidade. Coordenadora da Escola do MASP, entre 1994 a 2010. Ministra cursos em programas de Pós graduação na ECA/USP, na área de Criação, Arte e Produção, desde 1995 a 2005. Pesquisadora no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na área de História da Arte, desenvolve programas de extensão universitária na área de Arte Educação e de Conservação Preventiva junto ao acervo. Tem experiência na área de curadoria de exposições, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: história da arte moderna, estratégias da

arte contemporânea, estética da imagem em publicidade, arte brasileira, arte educação.



Frutas Maduras

Raphael Dutra

FRUTAS MADURAS Rapha Dutra

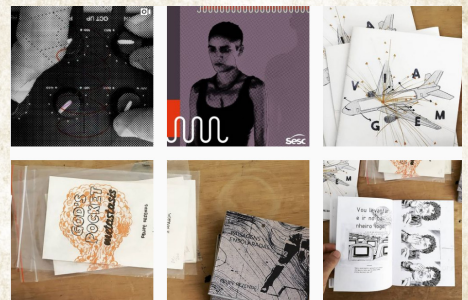
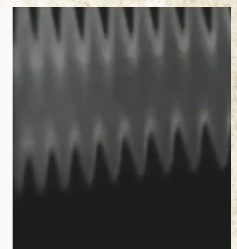
É um processo de criação de imagens a partir de poesias visuais criadas numa escrita de diário, através de uma série de foto-performances acerca do eu-não-eu; imagem presente ausente, múltiplas; fluxos e correntezas; afetos e vazios; traduzidos em movimentos com as palavras; atos de construção e desconstrução, como estímulo à sensibilidade evocada pela relação do corpo, o outro e o espaço. A capa tem textura de fruta passada, as imagens se transformaram em risogravuras, a intenção em livro



a margem; press

Deslocamentos, subversões e recontextualizações através da palavra, da imagem e das subjetividades do fazer livro

A margem é uma plataforma editorial, coordenada por léo e júpiter91, que trabalha as possibilidades dos fazeres manuais e da produção gráfica e experimental, questionando o papel formal da arquitetura e das artes plásticas; espaço de criação e experimentação; deslocamentos, subversões e recontextualizações através da palavra, da imagem e das subjetividades do fazer livro.



NO RISCADO QUADRICULAR DA CALÇADA UM RAIOS.
MEIO DIA, O XADREZ BRILHA COR DE ROSA, DEPOIS LARANJA, DEPOIS AZUL E
DEPOIS VERDE.
ERA UM OU ERA CARDUME.
CORES CONVIVEM.
TEXTURAS EM REFRAÇÃO.
EM MILIONÉSIMO DE SEGUNDO UMA COR, CONCHA, PEDRA.
CAMADAS SEDIMENTARES, O TEMPO EMBUTIDO EM SÍLICA, SULFATO, FOSFATO,
ÓXIDOS E DIÓXIDOS NO CARBONO.
DESCOMPENSAÇÃO POLICROMÁTICA.
LANTEJOLA, PAETÊ, SABÃO, RÓTULO. OPALA, ÁGUA.
DE ONTEM OU DE HOJE.
DA MÉDIA ALTA BAIXA MODA.

MARIA FERNANDA LOPES.
OUTUBRO DE 2020.

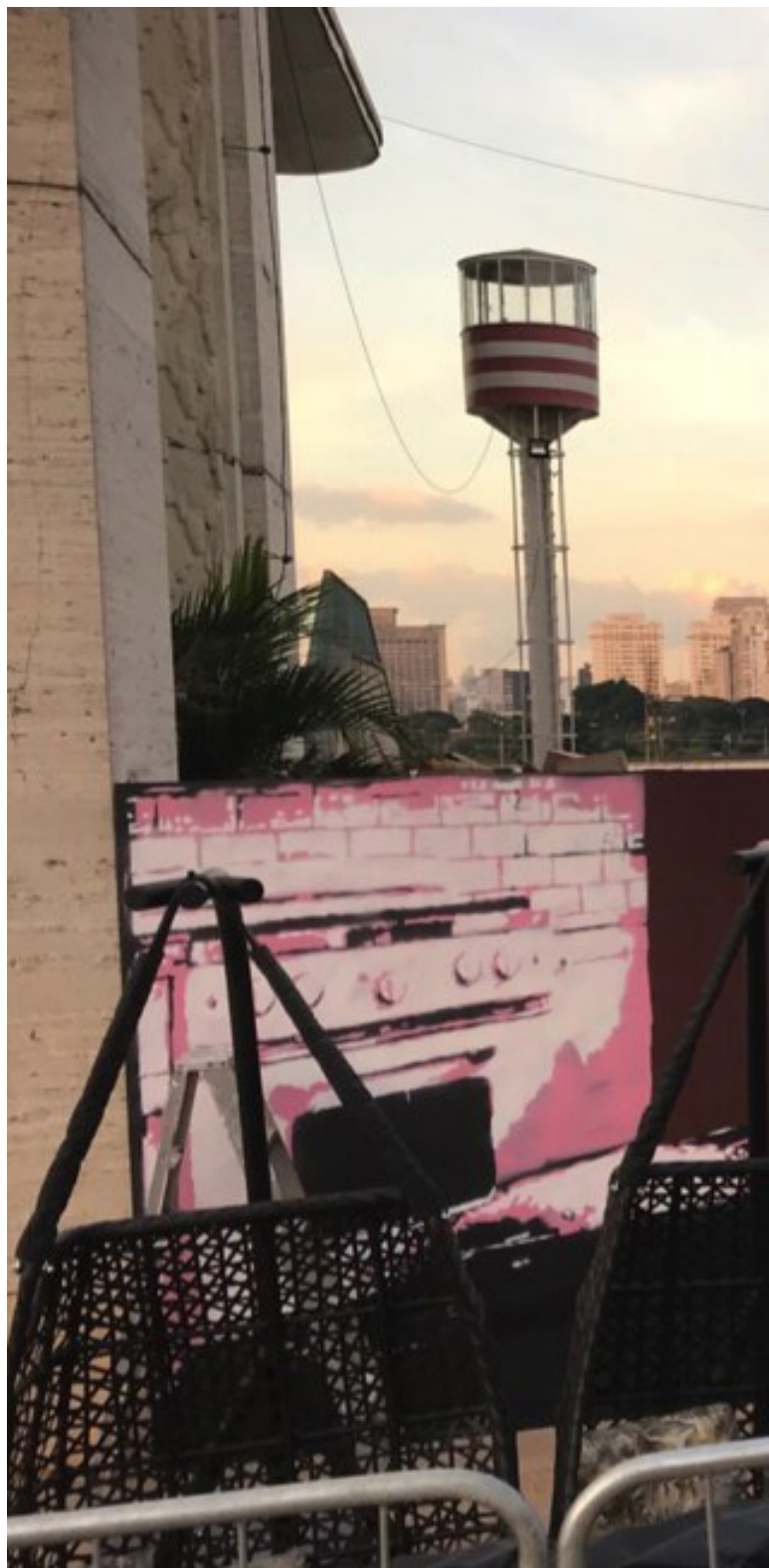


Fotografia da série Ovos, 2019, Maria Fernanda Lopes

COM O PÉ NA PORTA

DE SALTO ALTO
OU DE COTURNO,
TÊNIS DA MODA
OU CHINELO DE DEDO,
AS MULHERES NÃO ESTÃO
DISPOSTAS A ESPERAR MAIS
UM SÉCULO PARA SEREM
PLENAMENTE RESPEITADAS
E RECONHECIDAS EM
SEUS TALENTOS.
É ESTA, INFELIZMENTE,
NÃO É UMA DISCUSSÃO
VELHA OU JÁ SUPERADA.

MIRIAN MELIANI NUNES



*Grafite de Simone Sapienza, Siss,
que trabalha com estencil
e lambe-lambe.*



artigo 2

Se arte é substantivo feminino, o fazer artístico nem sempre abriu as portas gentilmente para as mulheres. De Camille Claudel às irmãs Brontë, passando por Carolina de Jesus, Anita Malfatti e chegando à saga transmidiática de Harry Potter - obra que Joanne Kathleen Rowling assinou como J.K. Rowling a conselho de sua editora que dizia que nomes de mulheres nas capas de livros afastariam boa parcela dos leitores -, são inumeráveis os casos de artistas que passaram por constrangimentos ou simplesmente alcançaram menos reconhecimento do que mereciam por não pertencerem ao gênero masculino.

Por muito tempo, discutiu-se a existência de uma arte feminina, seja na literatura, na música ou nas artes plásticas. O debate era rapidamente silenciado, pois é certo que a obra artística criada por mulheres não segue e nem poderia seguir uma linguagem específica, o que se torna um novo fardo em espaços já tão limitados. Muitas artistas fugiam das temáticas feministas, assustadas com a possibilidade de serem isoladas em um nicho específico de “arte para mulheres”.

Aparentemente, o século XXI resolveu prestar contas com os anteriores. São tantas as releituras, curadorias e resgates de obras absolutamente fundamentais criadas por mulheres em seu tempo que é difícil não indagar: e tudo o mais que ficou pelo caminho, oculto, ou sob pseudônimos de pais, maridos ou homens inexistentes?

Apartadas de espaços projetados originalmente para ecoar a superioridade dos poucos privilegiados mercedores dos louros da História, da mesma forma, aliás, que homens e mulheres pretas, jovens periféricos, gays, lésbicas, transgêneros, indí-

genas, todos estes grupos parecem encontrar novas estratégias.

Cansadas de bater à porta, elas reinventam os espaços, criam novas territorialidades, vivem em sua plenitude, lançam versos no Slam ou rabiscam os muros da cidade com um grafite que diz claramente a que veio.

Convergências – Em 2019, o Museu de Artes de São Paulo (Masp) promoveu a exposição “Histórias de mulheres: artistas até 1900”, reunindo obras das mais diferentes localidades e em diferentes contextos históricos. Com curadoria de Julia Bryan-Wilson, Lilia Schwarcz e Mariana Leme, a mostra tentou preencher o vazio de suas salas, que ostentam apenas duas obras criadas por mulheres dentro desse recorte de tempo: um autorretrato da portuguesa Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre e um panorama da baía de Guanabara, da inglesa Maria Graham. Para complementar, foi realizada a mostra “Histórias Feministas: artistas depois de 2000”, definida como diálogo e contraponto à exposição “Histórias de mulheres: artistas até 1900”.

Em que pese o papel disruptivo do Masp, projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, pairando suspenso em plena avenida orgulhosa da cidade que só trabalha, trata-se ainda assim de uma compensação, um mea-culpa, do espaço oficial das belas artes, o museu, que procura corrigir a falha histórica.

Mas tantas ainda permanecem em aberto que é difícil impedir os buracos no tecido, em um esforço insano de dar conta do todo, sempre. Se o museu se impõe o destino de conter o mundo que “vale a pena” ser conservado para as futuras gerações, as atuais gerações de mulheres balançam os ombros e criam seus espaços. Se passar pelo museu em algum ponto do caminho,

muito bem para os museus. Se não, é do lado de fora que a vida é arquitetada.

Isso pode ser percebido nas ruas, nos muros, nas estações do metrô que abrigam as batalhas do Slam, nos coletivos feministas e nas salas de aula. Em meio a polarizações políticas, ao renascimento de visões extremistas e à valorização de uma releitura tropical do fundamentalismo religioso com fortes traços patriarcais, é preciso registrar o trabalho realizado por jovens mulheres que percebem o mundo, enfrentam imposições dentro de casa e nas ruas, e ainda assim avançam com suas criações, pesquisas, sensibilidade e olhar renovado sobre a arte e a vida.

Histórias de histórias reais – Como orientadora de trabalhos de conclusão de curso na área de graduação em jornalismo, venho acompanhando especialmente a produção de livros-reportagem. Entre eles, destacam-se alguns que indicam um forte componente feminista ou, pelo menos, capazes de perceber as particularidades da criação realizada por mulheres e a maneira como os obstáculos a serem transpostos podem ser muito específicos.

Nessas primeiras experimentações de autoria direcionada a um produto da área jornalística, há uma somatória de desafios: compreender-se como capaz da obra em si mesma, encontrar o próprio discurso e a história que vale a pena ser contada e realizar com destreza o passo a passo dos processos de criação específicos do formato livro, com o imaginário que ocupa, relacionado à perenidade e profundidade. Muitas jovens mulheres sentem-se ainda intimidadas com o desafio, mas algumas, mesmo intimidadas, constroem espaços de apoio, capazes de fortalecê-las na jornada.

Isso pode ser observado no pro-



**The Studio of Abel de Pujol (1822), de File:Adrienne Marie Louise Grandpierre-Deverzy. Reprodução/ Masp/Veja SP
Conteúdo disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-das-mulheres>.**

cesso de orientação. Algumas optam mesmo pela escolha de uma “mentora”, como disse recentemente uma de minhas alunas. Não é o caso de estabelecer um novo “lugar de fala” - um conceito por si só já muito mal interpretado - na área da docência e, pior ainda, no jornalismo – atividade que se dedica a contar primordialmente as histórias do outro em sua pluralidade. Mas sim de criar condições para o acolhimento de indagações intelectuais específicas, dando o devido destaque a questões como a presença feminina na literatura, o enfrentamento de ataques misóginos em ambientes de jogos digitais, o estímulo à rivalidade feminina nas narrativas tradicionais, a presença majoritariamente feminina nos espaços de confinamento, como manicômios, entre outros.

Todos esses são exemplos reais de trabalhos desenvolvidos (ou em desenvolvimento) no âmbito da conclusão da graduação em jornalismo, sob minha orientação. As

autoras são jovens que buscavam o referendo da universidade, mas também o apoio de um profissional experiente, em quem confiassem, e que dissesse: o que vocês relatam é importante, vamos em frente.

Da mesma forma, no âmbito da pós-graduação, um dia também fui acolhida em minhas aspirações e incentivada a assumir o protagonismo da pesquisa e do compartilhamento do saber. Nessa circulação de afetos, em espaços de encontro fortuitos, capazes de abrigar tanto mulheres desejosas de demonstrar sua produção intelectual ou artística quanto homens seguros o suficiente para dialogar e produzir em parceria com todos os gêneros, faz-se perceber quantos temas ainda estão abertos à exploração da pesquisa intelectual, à projeção artística sensível e transformadora, à fertilidade do debate inteligente, plural e capaz de olhar de frente para todas as dores e amores do mundo, que se reinventam e renovam a cada geração. ■



MIRIAN MELIANI NUNES
é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, jornalista, historiadora e professora no Anhembi-Morumbi. Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias (CCM/PUC-SP)
mimeliane@gmail.com

TRANSES

ENSAIO SOBRE PESQUISA DE RAPHA DUTRA,
POR DIOGO BARROS



Existem transes - performance/instalação, 2020. Foto: Catarina Rojas.

Localizar a inserção do trabalho da artista Rapha Dutra na exposição Afetos em paisagens e, a partir disso, reconhecer as conexões estabelecidas com as outras artistas e a própria galeria, só me parece possível através de perguntas.

As perguntas que mediarão todas as instâncias deste texto não buscam por respostas. Antes, pretendem inserir a pesquisa de Rapha Dutra, a exposição, galeria, público e todes que leiam este texto em um campo aberto a questionamentos.

O primeiro desafio que esse ensaio me coloca se apresenta na primeira pergunta, e ressonará por todo o texto: quem é Rapha Dutra?

Dentro da pretensão que é elaborar uma descrição partir desta pergunta, podemos começar por uma bio escrita pela própria artista:

“Rapha Dutra é baiana, artista visual, fotógrafa e performer, mes-tranda em Processos Criativos pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Desenvolve através de experimentações de fotoperformance pesquisa sobre gênero, memória e afeto dentro do recorte da transexualidade, com foco na perspectiva de estudo sensorial de corpo. Autora do livro Frutas Maduras, dialoga a produção escrita inconsciente de poesias neoconcretas com a manifestação de corpo performático através da visita à construção e descon-

trução da palavra para compreensão do corpo e do lugar”.

A artista adentra as discussões presentes na exposição através da fotoperformance com os dípticos Meu afogamento é o meu batismo e Corpo-intercessão. Estes trabalhos fazem parte de seu livro Frutas maduras, de 2019, com sua segunda edição já em produção.

Como a pesquisa de Rapha se insere na exposição coletiva que conta com obras de outras sete mulheres?

A performance é o fio condutor em sua pesquisa, e é por ela que Rapha formulou seus trabalhos apresentados em Afetos em paisagens. Nos dípticos, esta linguagem atua como parte de um processo interligado a outras expressões. O corpo da artista centraliza sua relação com toda a poética que emerge de uma jornada inconsciente. Seus afetos perpassam seu interior, suas relações e a natureza.

Meu afogamento é meu batismo tem caráter ritualístico, assim como toda a obra de Rapha. Nestas imagens, o corpo está no entre águas. A chuva conecta o céu e o mar. Ao emergir de seu afogamento, o corpo não é mais o mesmo. Após a chuva, o mar não é mais o mesmo. A água, aqui, se mostra o símbolo perfeito para nossa inconstância enquanto seres em movimento.

A costura sobre os órgãos sexuais nas fotografias de Corpo-intercessão explicitam a discussão a respeito

do reconhecimento e validação dos corpos dissidentes. Em que medida a legitimação de um gênero reivindicado por um corpo está atrelada a sua genital?

As fotografias foram pensadas pela artista a partir da reflexão de um histórico de dores relacionadas a seu corpo. Nesta exposição, contextualizada a um ambiente majoritariamente cis-hétero, as imagens centralizam a discussão dos conflitos gerados no consciente coletivo da hegemonia, especialmente no momento em que corpos dissidentes se colocam no espaço comum. Quantas vezes pessoas cisgênero foram perguntadas a respeito de sua genital como forma de confirmação de um gênero socialmente construído?

De processos inconscientes já apresentados no espaço expositivo, Rapha Dutra parte para uma abordagem mais consciente através de sua performance Existem transes, realizada na noite de abertura da exposição.

Como quebrar o tempo em um instante?

A performance se baseou na ação atualmente cotidiana da artista de realizar terapia hormonal através de comprimidos e acompanhamento médico. Rapha quebra o transe de uma noite de vernissage com sua performance, e lembra que nossos atos corriqueiros também são performáticos. Esta é uma performance que não pretende ser

um espetáculo, que não se baseia na contemplação por um público. A própria ação da artista, que durou segundos, foi suficiente para a transformação do espaço expositivo.

A demarcação “Existem transes” sobre a caixinha do medicamento nos propõe uma série de significados. Começamos pela presença: existe aqui a inserção da primeira artista trans a expor na Casagaleria. Mais do que um ato político, este momento marca uma abertura de diálogos e discussões, movendo o ambiente cômodo para um lugar incômodo, suscitando reflexões sobre as rotinas de atualização de todos os nossos corpos.

A estrutura hétero-cis-normativa se firmou em todos os cantos, estabelecendo sobre os corpos um transe enrijeecedor. Atos mínimos de corpos dissidentes são capazes de quebrar esse transe, ou ao menos criar rachaduras, para aqueles corpos normativos que pretendem se implicar na tarefa de reconhecimento dentro da estrutura.

O corpo está em constante renovação e transformação. Nossas células se regeneram, e descartamos constantemente as células mortas. A cada segundo, já não somos mais exatamente o mesmo organismo. Rapha Dutra expõe seus processos de reconhecimento e nos lembra que isso não é reservado apenas a pessoas trans.

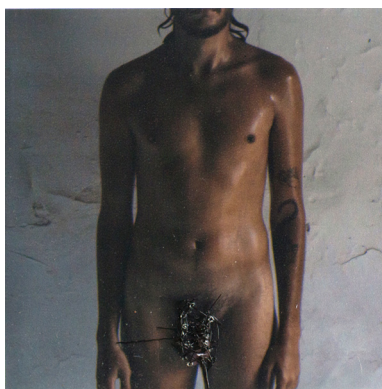
Mesmo que Rapha parta de uma viagem interna para formular suas proposições visuais, ela movimentou nossos contornos com seus trabalhos. Do particular ao compartilhado, temos a chance de adentrar seu universo sensível para nos afetarmos.

Trata-se da proposta de um novo transe. Você se dispõe a adentrá-lo? ■

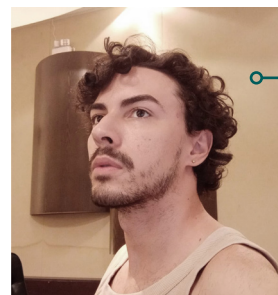
Rapha Dutra na abertura de Afetos em paisagens. Foto: Catarina Rojas.



Meu afogamento é o meu batismo. Díptico - Fotoperformance, 2019.



Corpo-intercessão. Díptico- Fotoperformance/Intervenção fotográfica com sutura, 2019



Diogo Barros é curador, arte educador e crítico, formado em História da Arte, Crítica e Curadoria pela PUC SP.

Capa
exposição

AFETOS EM PAISA

VISITA VIRTUAL: TOUR.CASAGALERIA.COM

*Curadoria e texto crítico Loly Demercian,
Diogo Barros curador adjunto
e fotos Catarina Rojas*





O TEMPO TEM MEMÓRIA?

As percepções do cotidiano passam com tanta velocidade que se dispersam em nosso olhar; passam sobre as coisas, e tudo se torna autômato. Qual paisagem teria nossa memória num mundo onde o tempo social é acelerado? Qual é a perspectiva das coisas que tem o nosso olhar? O que percebemos e o que nos está afetando?

Bergson, quando fala em perceber as coisas, diz que mesmo quando o objeto não mais existe naquele lugar, não é o vazio ou o nada e sim a ausência de tal objeto, o qual esteve aqui antes mas se acha agora em outro lugar. Ele deixa atrás de si o próprio vazio. O que caria nessa memória, senão o afeto? O tempo é uma ilusão, sua memória são nossas lembranças que se desdobram de modo involuntário. Nós somos a memória, vivemos da memória.

O afeto, faz dessa exposição um deslocamento de paisagens que estabelece como núcleo da narrativa; a materialização por meio das vivências e das histórias singulares das artistas. A própria existência como processo e a metáfora como forma de conexão com o mundo.

A artista Ieda Mercês, com o trabalho “Do real à ideia: paisagem invisível” (2019/2020), reete um estado de espírito onírico, uma autêntica embriaguez dos sentidos. De longe, vê-se uma profunda vermelhidão, denotando um vulcão ardente. Como ela mesmo diz: [...] um estudo que vislumbra cenários ocultos a partir de uma geografia da ilusão. Suas memórias se manife tam como um diálogo com sua imaginação, uma paisagem do invisível.

A artista Maria Fernanda Lopes, com o trabalho “Risco, 2020”, brinca com essa paisagem imaginária, porque ela parte para uma desterritorialização do desenho, das linhas, dos planos e se expande para os conceitos da escultura, projetando uma certa animação no espaço, pois o nosso olhar em ângulos diferentes, as linhas e

os planos se transformam em outros desenhos espaciais, redimensionando o lugar, articulando os os estendidos em novas composições. Temos um quadrado preto de papel colado na parede, dando a impressão de que estamos vendo um desenho em uma superfície, mas, na verdade, esse mesmo desenho está no espaço. Uma desconstrução do desenho como o entendemos. A composição das linhas contrasta com a parede, elas se projetam como sombras, uma estrutura paralela à parede. Tais estruturas habitam um vazio. Ela brinca com o tempo e a memória, porque as linhas constroem modulações espaciais diferentes ao trajeto do observador. Uma arquitetura que não deixa domicílio, porque a toda hora está mudando, permanecendo na memória de quem a percebeu.

Seguindo essa linha do imaginário, das paisagens invisíveis, a artista Simone Prado, com os trabalhos, “Caixa aberta, 2014 e Escova de aço, 2014”, associa a força da mulher com a vagina, que denota uma sexualidade no processo do imaginário. Em caixa aberta, a vagina é feita de veludo preto com uma escultura de Rodin, o Pensador dentro dela. O veludo preto lembra ousadia, delicadeza, símbolo da sensualidade, mas no meio uma escultura branca, uma brincadeira da artista, que tem uma conotação da inteligência, que a vagina tem poder.

Segundo Deleuze, uma potência, como agenciamento do desejo. Ela também insere no trabalho nove escovas de aço, amassadas no meio, em forma de vagina, estabelecendo uma verdadeira antinomia com a delicadeza. As nove escovas signi cam os meses de gravidez, nada sensual, e sim a força da mulher em parir, de dar à luz, de procriar.

A performance e fotógrafa Rapha Dutra, por sua vez, nos trás quatro fotografias no seu trabalho “Meu Afogamento é o meu batismo e Corpo-intercessão”. O conceito das fotos e seu processo artístico traduzem o seu próprio corpo em transição de gênero. Nas fotos do “Meu afogamento é o meu batismo”, ela poderia estar viva, mas não estava vivendo, é uma singularidade da artista de traçar representações estéticas da feminilidade na incessante busca de encontrar seu lugar em meio a uma sociedade heteronormativa. O segundo trabalho é uma analogia da sua sexualidade. Qual proporção terão meus órgãos sexuais a partir do momento em que os costuro, tampo, tiro do contexto? No que eles se tornam? Quan-

do identificamos um gênero, estamos centrados no masculino e no feminino. No entanto ao efetivar a costura essas denominações são elididas. Esse trabalho evidencia a questão do gênero masculino e do gênero feminino. Para artista, a revelação das características pessoais resultaria não de um instante, mas de um longo processo.

A artista Marcia Gadioli, na série “Memoriar”, usando papel de restauro, transfere imagens referentes à convivência pessoal, em camadas e mais camadas, representando o tempo. Essas mesmas camadas diluem as imagens, por estarem sobrepostas ou terem pouca definição, representando o estado de memória, a deriva urbana. A artista Nádia Stariko, nos presenteia com jardins da série “Cápsulas”, carregadas de emoções nas quais foram encapsulados memórias, numa dinâmica inconsciente “entre os nós, e entre nós”.

Marietta Toledo, nos apresenta trabalhos atuais e antigos. Os atuais “Estampas em Amarelo de Santana, 2020 e Pelúcia Branca da Barra Funda, 2020”, ela pesquisa e experimenta na tapeçaria as texturas, cores, volumes e formas. Essa técnica é carregada de ancestralidade e, ao mesmo tempo, desperta o frescor da contemporaneidade. Ela se utiliza da talagarça para bordar, bem como da escultura de tecidos para experimentar os volumes em formas orgânicas. Já os trabalhos realizados em 2018 e 2019, inspirados em sua avó, o tricô e crochê, uma prática manual ensinada nas escolas da década de 70, e culturalmente ensinada de avó para mãe – e assim de geração em geração – Marietta procurou tornar contemporâneas essas práticas, trazendo em forma de escultura e pinturas feita de crochê.

E, por fim, a artista Ana Carmen Nogueira, em seus trabalhos de encáustica, “Tempo da Delicadeza, 2020”, apresenta um recorte de imagens de mulheres de sua vida, que de alguma forma foram importantes no seu crescimento e participaram de momentos do seu dia a dia. Olhando para o passado, com essas memórias de vida, percebeu que o tempo passou e ela se descobriu madura. Percebeu a poesia nos gestos das fotografias e as eternizou na encáustica. Como diz Deleuze, o problema não é o de uma presença de corpos, mas o de uma crença capaz de nos devolver o mundo e o corpo a partir do que significa sua ausência. Dessa forma se descortina a presente exposição.

ANA CARMEN NOGUEIRA

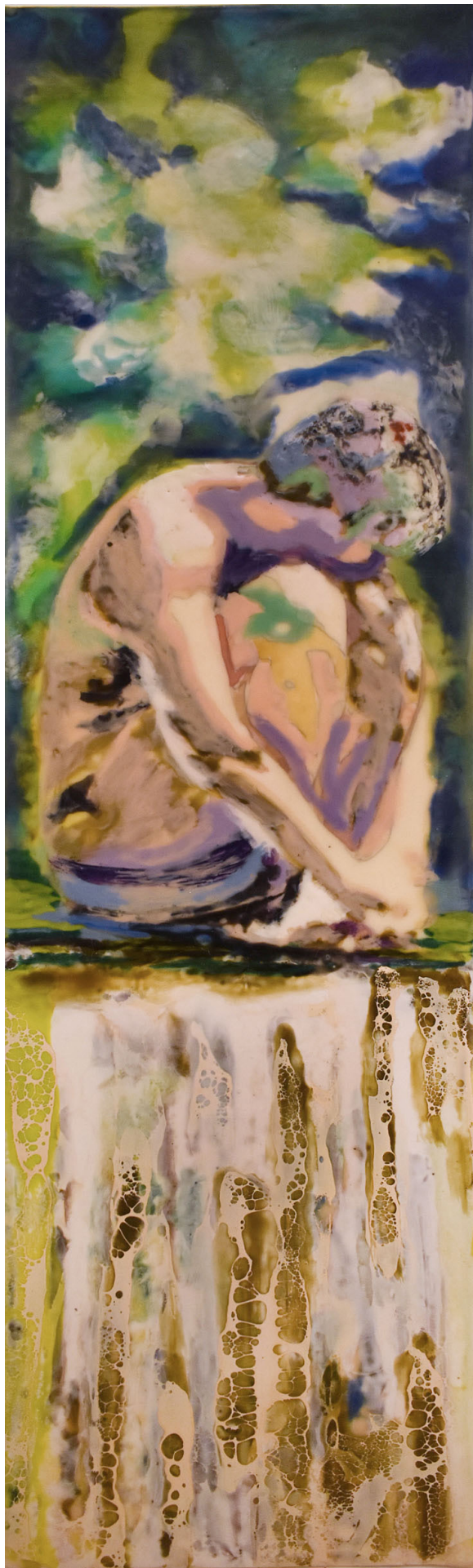


Mulher Passando Roupa
Encáustica s/ madeira
62,2cm x 23,6cm
2018

Capa exposição

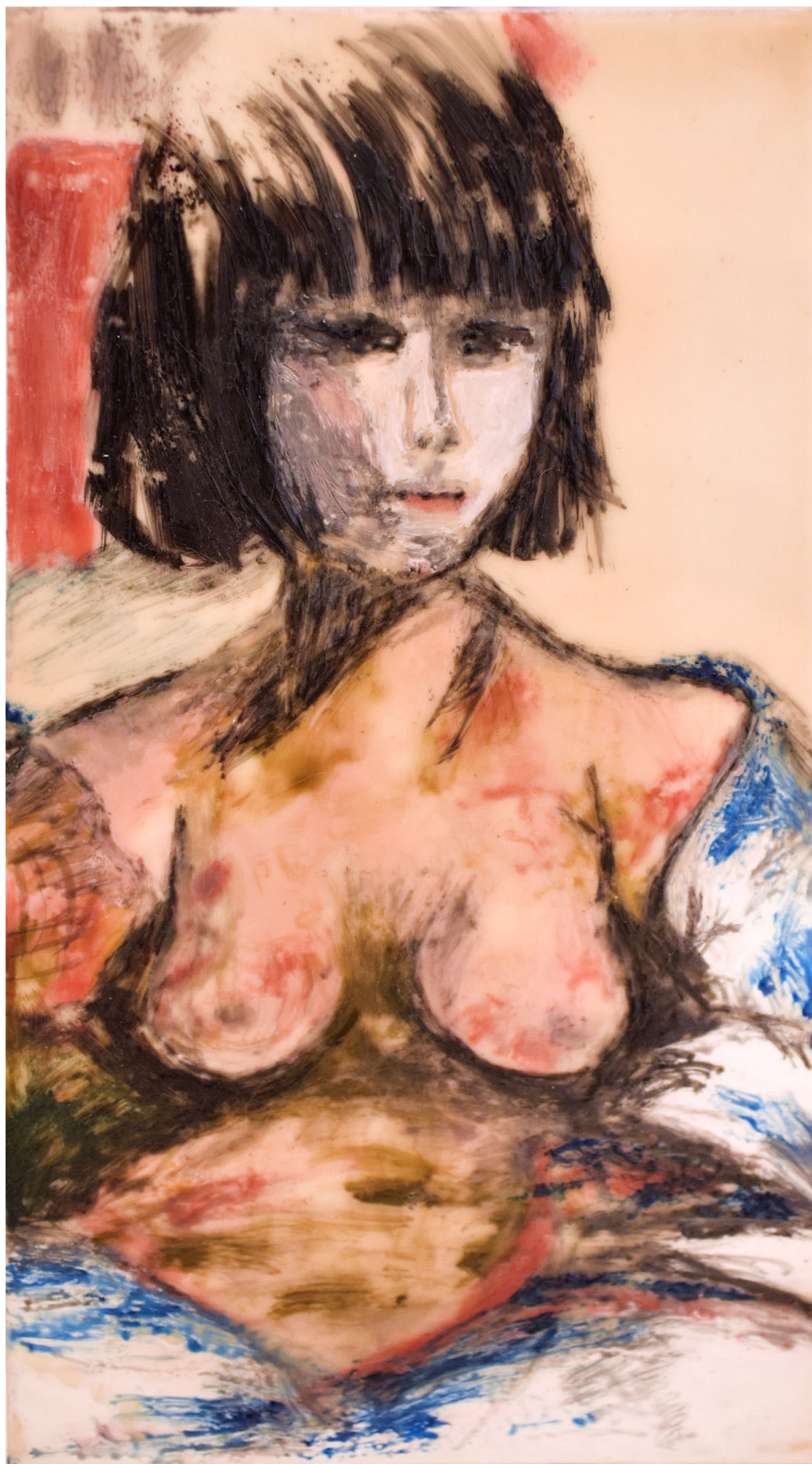


Mulher Costurando
Encáustica s/ madeira
49,5cm x 29,5cm
2018



Mulher na cachoeira
Encáustica s/ madeira
62cm x 17cm
2018

Capa exposição

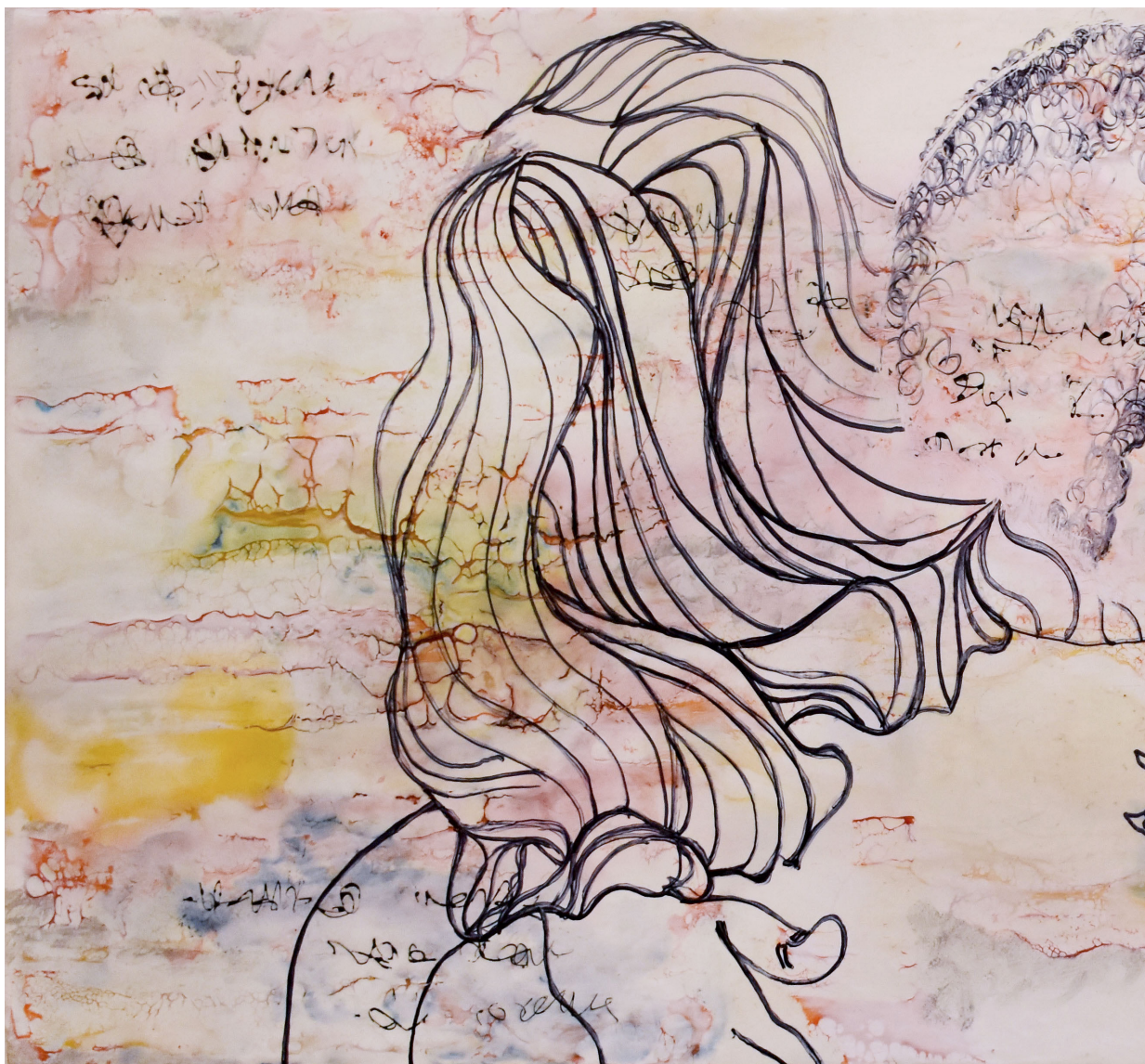


Alison
Encáustica s/ madeira
27,5cm x 14,5cm
2016



Mimo
Encáustica s/ madeira
38cm x 39,5cm
2020

Capa exposição



Chamego
Encáustica s/ madeira
26cm x 65cm
2020



Capa exposição

Ah! Camille
Encáustica s/ madeira
47cm x 55cm
2020



Mulher abraçadas
Encáustica s/ madeira
43cm x 64cm
2018



ANA CARMEN NOGUEIRA

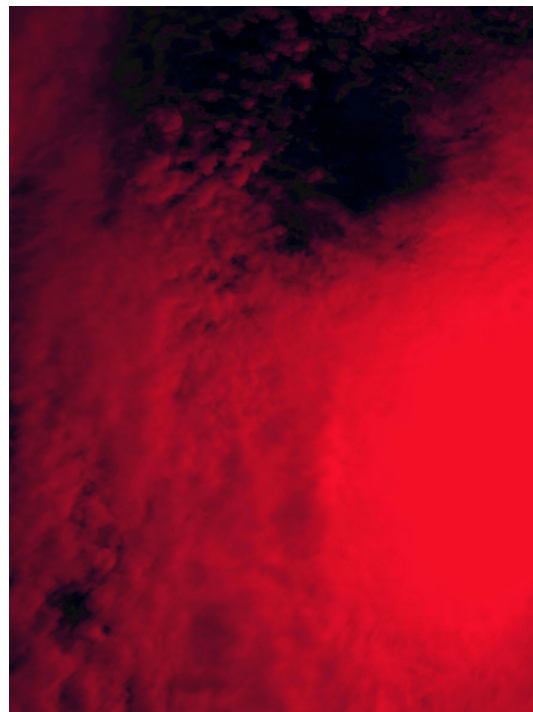
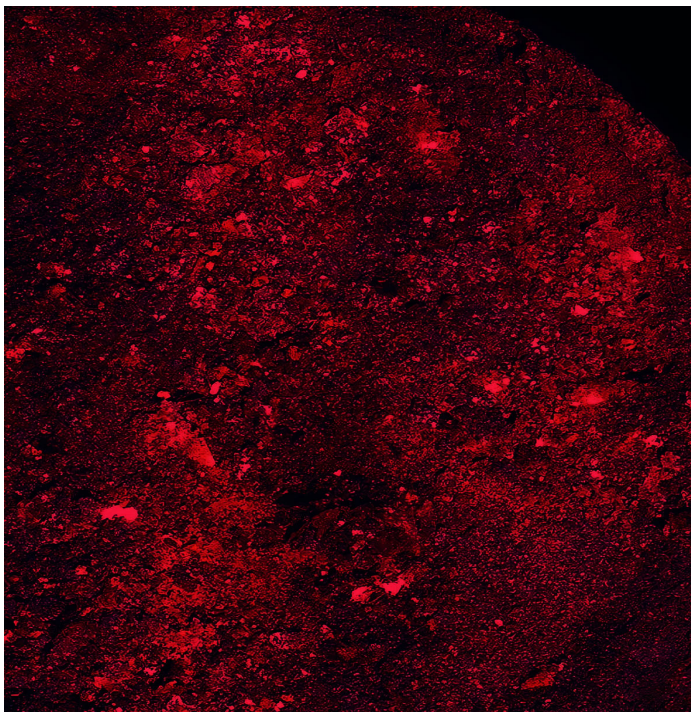
Artista, Educadora e Arteterapeuta. Graduada em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado, tem Pós-graduação/especialização em Educação Especial pela UNICID, Arteterapia pelo Centro Universitário FIEO. Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora do “Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas”, sob coordenação da Prof^ª Dra. Mirian Celeste Martins.

Atualmente desenvolve pesquisa e oferece curso de pintura encáustica e arteterapia no *Ana Carmen Nogueira Ateliê de Artes*.

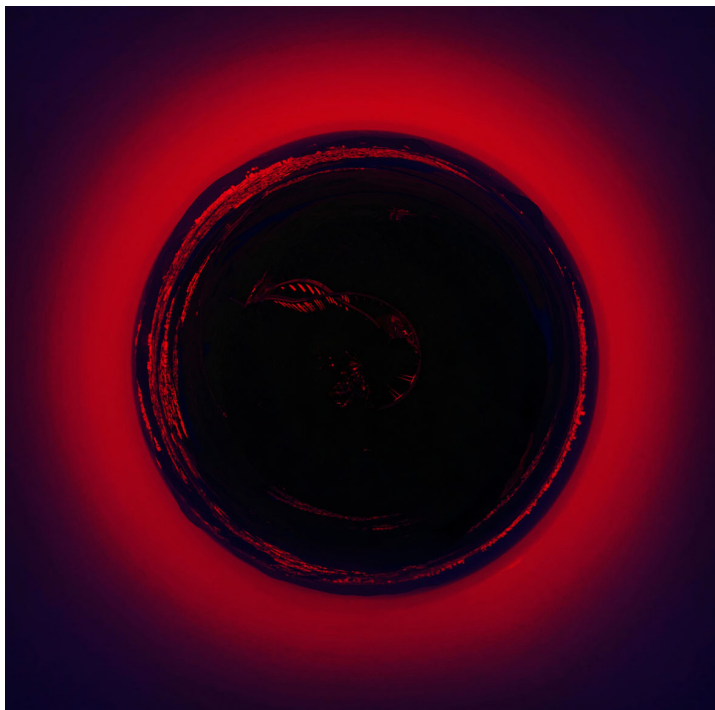
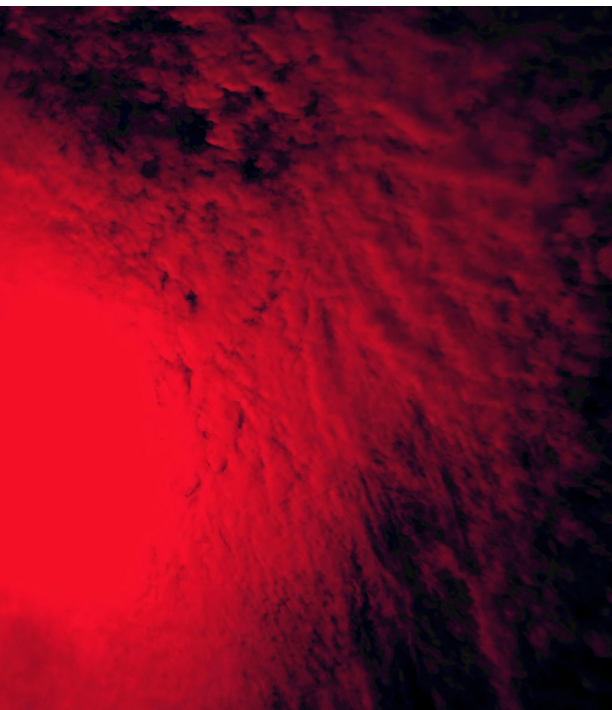


Capa exposição

IEDA MERCÊS



Megitrev- tríptico
Fotografia Metacrílico e led
114cm x 29cm
2020



IEDA MERCÊS

Artista Visual e DJ, nascida em SP Capital, pesquisa a paisagem do invisível a partir da subjetividade como eixo. Um estudo que vislumbra cenários ocultos a partir de uma geografia da ilusão, um ensaio para documentação do invisível. Partindo da premissa da arte enquanto conversa aberta com a subjetividade, a investigação busca estabelecer - através de manifestações artísticas diversas - um diálogo com a imaginação, os sentimentos e o universo estético.

MARCIA GADIOLI



Sem Título (da série Memórias)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020



Sem Título (da série Memoriar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020



Sem Título (da série Memoriar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020



Sem Título (da série Memoriar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020

Capa exposição



Sem Título (da série Memorar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020



Sem Título (da série Memórias)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020

Capa exposição



Sem Título (da série Memorar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm
2020

*Sem Título (da série Memorar)
Transferência de imagem em papel de restauro
25cm x 25cm / 2020*



MARCIA GADIOLI

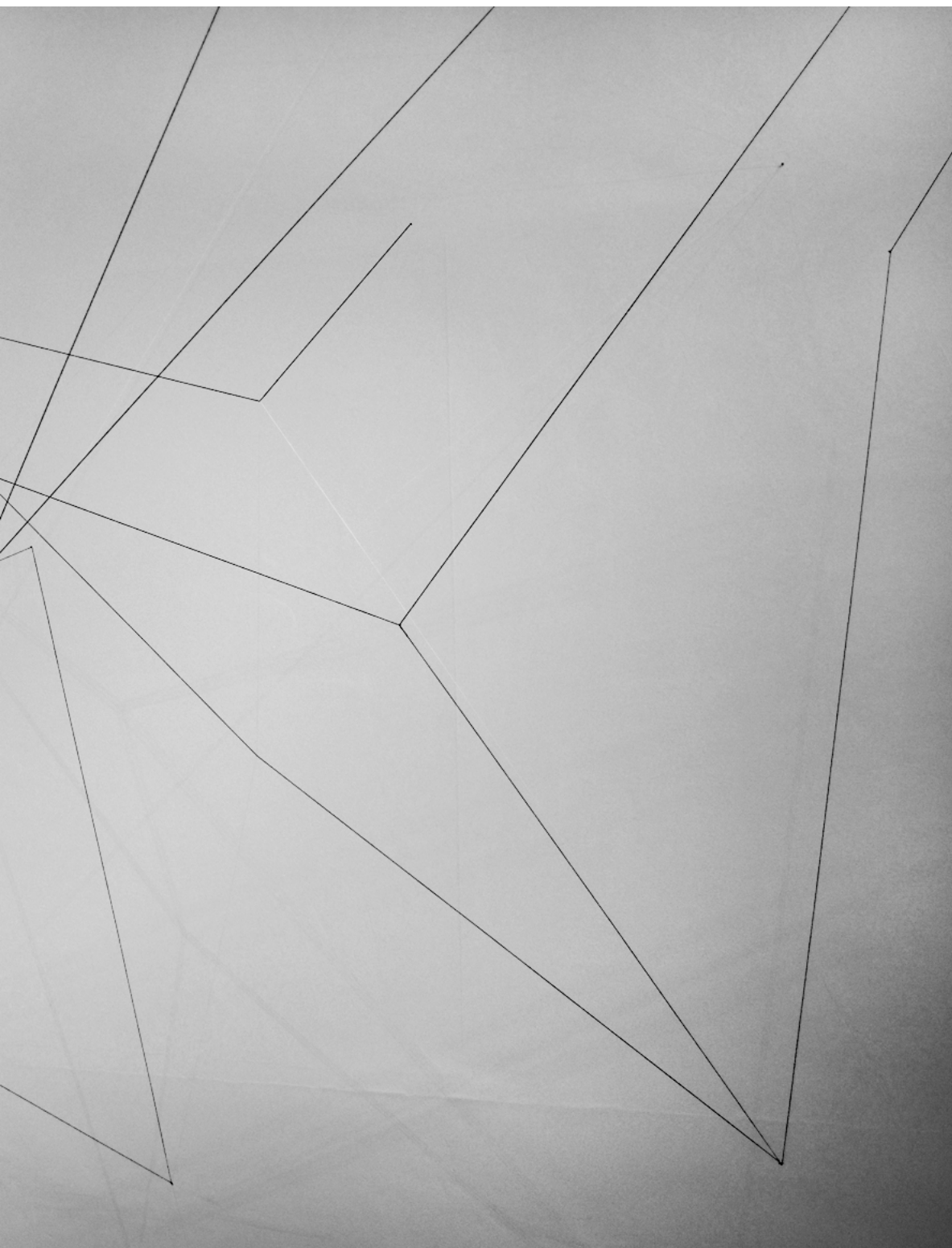
Artista visual formada pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2008). Desenvolve pesquisa sobre a memória e a passagem do tempo representados nas alterações urbanas. Exposições coletivas mais recentes, “83º Salão Ararense de Artes Plásticas “Antonio Rodini” – Araras, SP, jun/20 (prêmio aquisitivo); “1MULHERporM2” na Pinacoteca Municipal de Sorocaba – Sorocaba, SP ago-set/19; “1MULHERporM2” no Espaço oficina em São Paulo, SP, março-abril/19; “Cruzando Horizontes/Crossing Horizons” – Casa Contemporânea – em São Paulo, SP; “Horizontes Internos” – Museu Lasar Segall em São Paulo, SP, dez/18 a fev/19; “XXVI Salão Limeirense de Arte Contemporânea” – SLAC – Museu Histórico e Pedagógico Major Levy Sobrinho – Limeira, SP, out/18; Casa Contemporânea em São Paulo, SP, set-out/17; “Fotografia e Gravura – Graphias, Casa da Gravura em São Paulo, SP, jun-ago/17; “Tempo, espaço: lugares” – Museu de Arte Contemporânea José Pancetti (MACC) – SP. Criou e dirige a Casa Contemporânea juntamente com Marcelo Salles desde 2009.



Capa exposição

MARIA FERNANDA LOPES

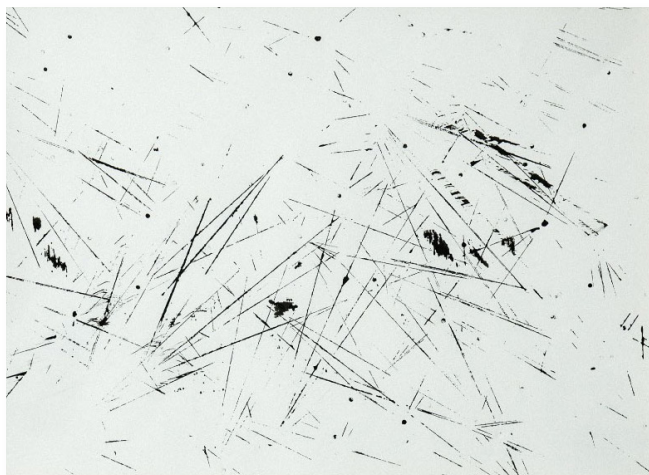




Risco, 3.0
Instalação site specific
Linha têxtil, prego e papel
s/ parede
2020

Capa exposição

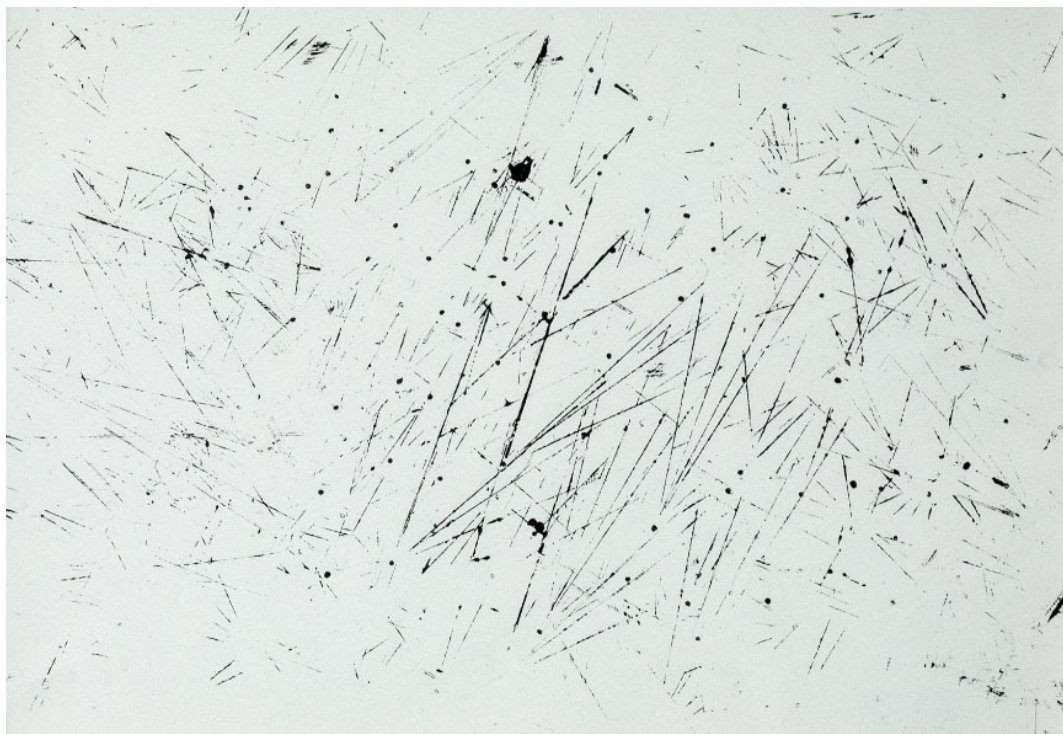
Sem Título
Monotipia, Nanquim s/ papel
74cm x 104cm
2018



Sem Título
Monotipia, Nanquim s/ papel / 2018



Sem Título
Monotipia, Nanquim s/ papel
2018



Sem Título
Monotipia, Nanquim s/ papel / 2018

MARIA FERNANDA LOPES

Maria Fernanda Lopes (1988, Ourinhos-SP) vive e trabalha em São Paulo, capital, desde o ano de 2007. Atua junto a outros artistas no VÃO – espaço independente de arte, lugar autogestionado dedicado à pesquisa e produção artística. Mestre em Comunicação e Semiótica, 2017/2019 –

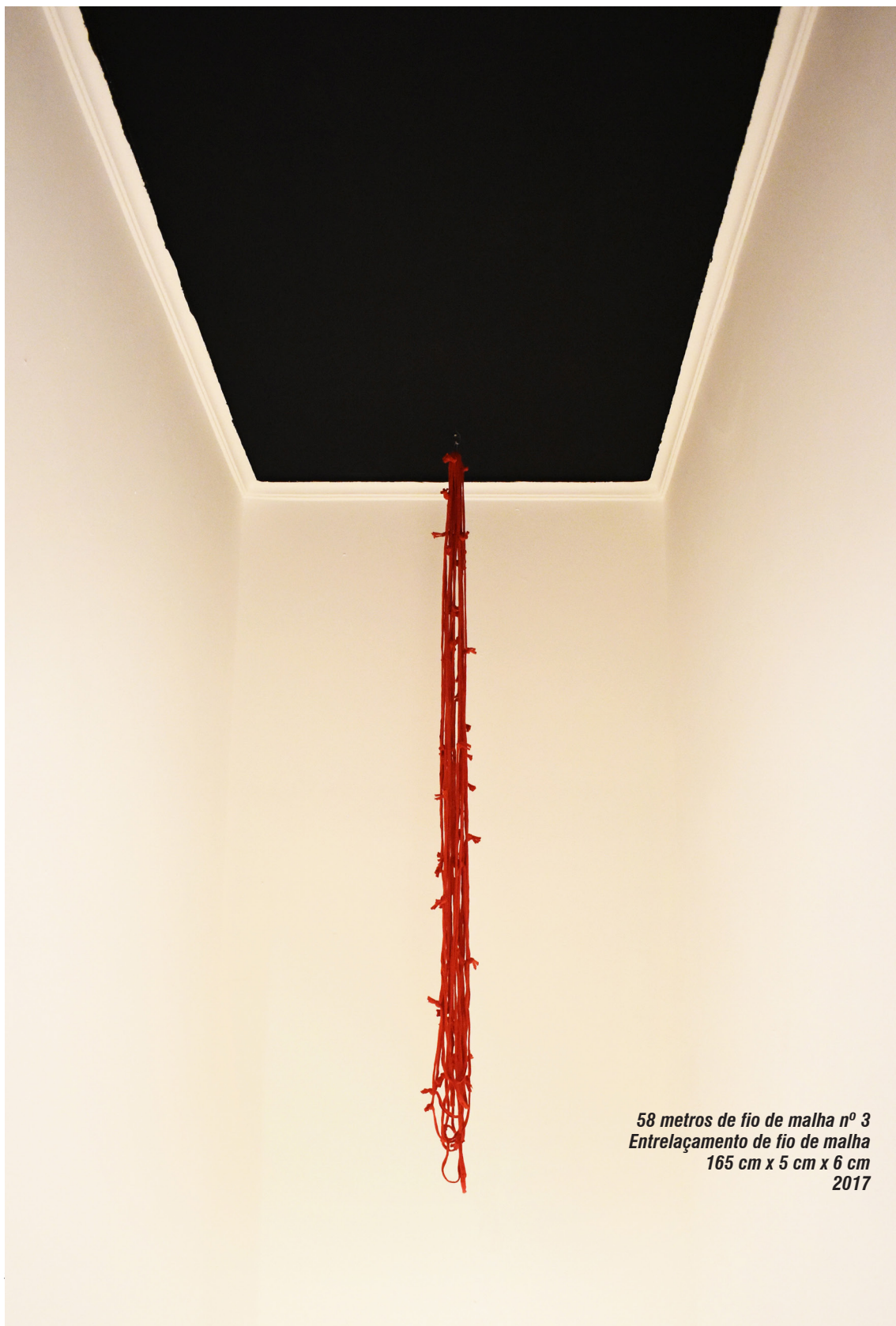
Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, São Paulo
Máster em Estudios Museísticos y Teoría Crítica, Programa de Estudios Independientes (PEI), 2012/2013, no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) através da Universidade Autônoma de Barcelona – UAB, Barcelona, Espanha Curso técnico em artes dramáticas, 2010/2011 – Teatro da Pontifícia Universidade Católica (TUCA) - PUC-SP, São Paulo Bacharelado em Direito, 2007/2011 - Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, São Paulo

2016 Uma coisa são outras coisas, Ordem dos Advogados de São Paulo – OAB/SP - São Paulo Uma coisa são várias coisas, Negro Café - São Paulo



Capa exposição

MARIETTA TOLEDO



*58 metros de fio de malha nº 3
Entrelaçamento de fio de malha
165 cm x 5 cm x 6 cm
2017*



*Pelúcia Branca da Barra Funda
Retalhos sobrepostos
em estrutura de madeira
172 cm x 72 cm x 40 cm
2020*



*41.5 quilo de fio de malha
Entrelaçamento de fio de malha com agulha de crochê 10
65cm x 65cm x 63cm
2017*

*305 metros de barbante cru nº2
Entrelaçamento de barbante com agulha de crochê 10
17cm x 16cm x 17cm
2016*



Estampas e Amarelos de Santana
Retalhos de tecidos encaixados em talagarça
100cm x 130cm
2020



MARIETTA TOLEDO

Pós-Graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas.
Licenciatura em Artes Plásticas – FAAP/2006.
Cursos: Técnicas de Escultura - Nicolas Charilaos
Vlavianos - FAAP/2015. Extensão Universitária
em História da Arte - PUC/2014, Cursos no MUBE ,
Ateliê Orientado - Sérgio Romagnolo,
Ateliê de Pintura Contemporânea –
Leda Catunda, oficina de criatividade -
Vera Martins e ateliê orientado por Mônica Nador.

Capa exposição

NÁDIA STARIKOFF





Sem Título (da Série Cápsula) 7
Tinta acrílica, giz de cera,
colagem, caneta esferográfica s/ capsula de acrílico
22,5cm x 48,5cm
2020



Sem Título (da Série Cápsula) 1
Tinta acrílica, giz de cera, colagem, caneta esferográfica s/ capsula de acrílico
28cm x 60,7cm
2020

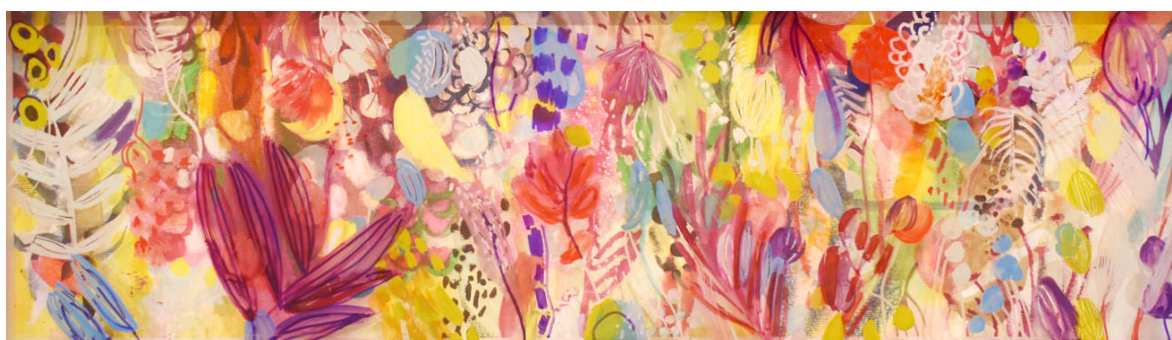
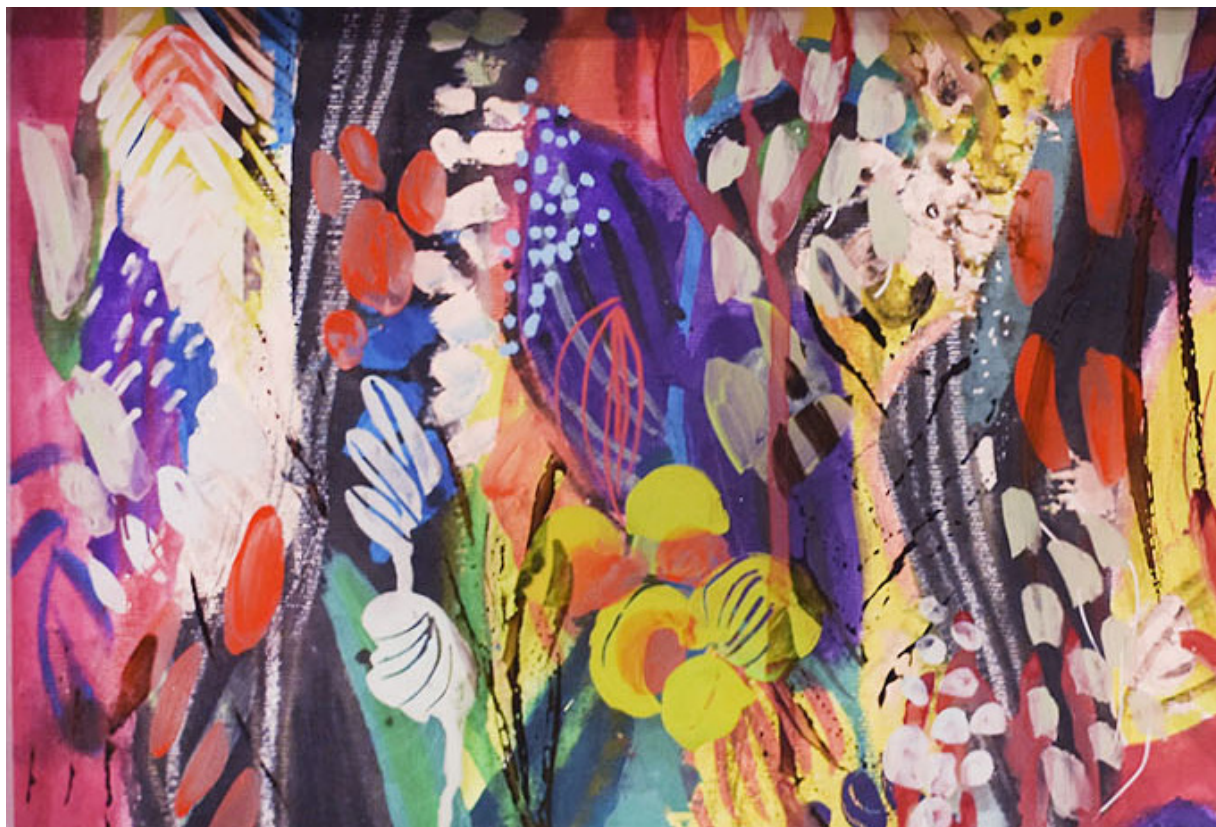
Sem Título (da Série Cápsula) 2
Tinta acrílica, giz de cera, colagem, caneta esferográfica s/ capsula de acrílico
18,2cm x 57cm
2020





Sem Titulo (da Série Cápsula) 4
Tinta acrílica, giz de cera,
colagem, caneta esferográfica s/ capsula de acrílico
43cm x 22cm
2020

Capa exposição



Sem Título (da Série Cápsula) 5
Tinta acrílica, giz de cera, colagem, caneta esferográfica s/ capsula de acrílico
18cm x 52,7cm
2020

Sem Título (da Série Cápsula) 6
Tinta acrílica, giz de cera, colagem, caneta esterográfica s/ capsula de acrílico
20,3 cmx 53,5cm
2020

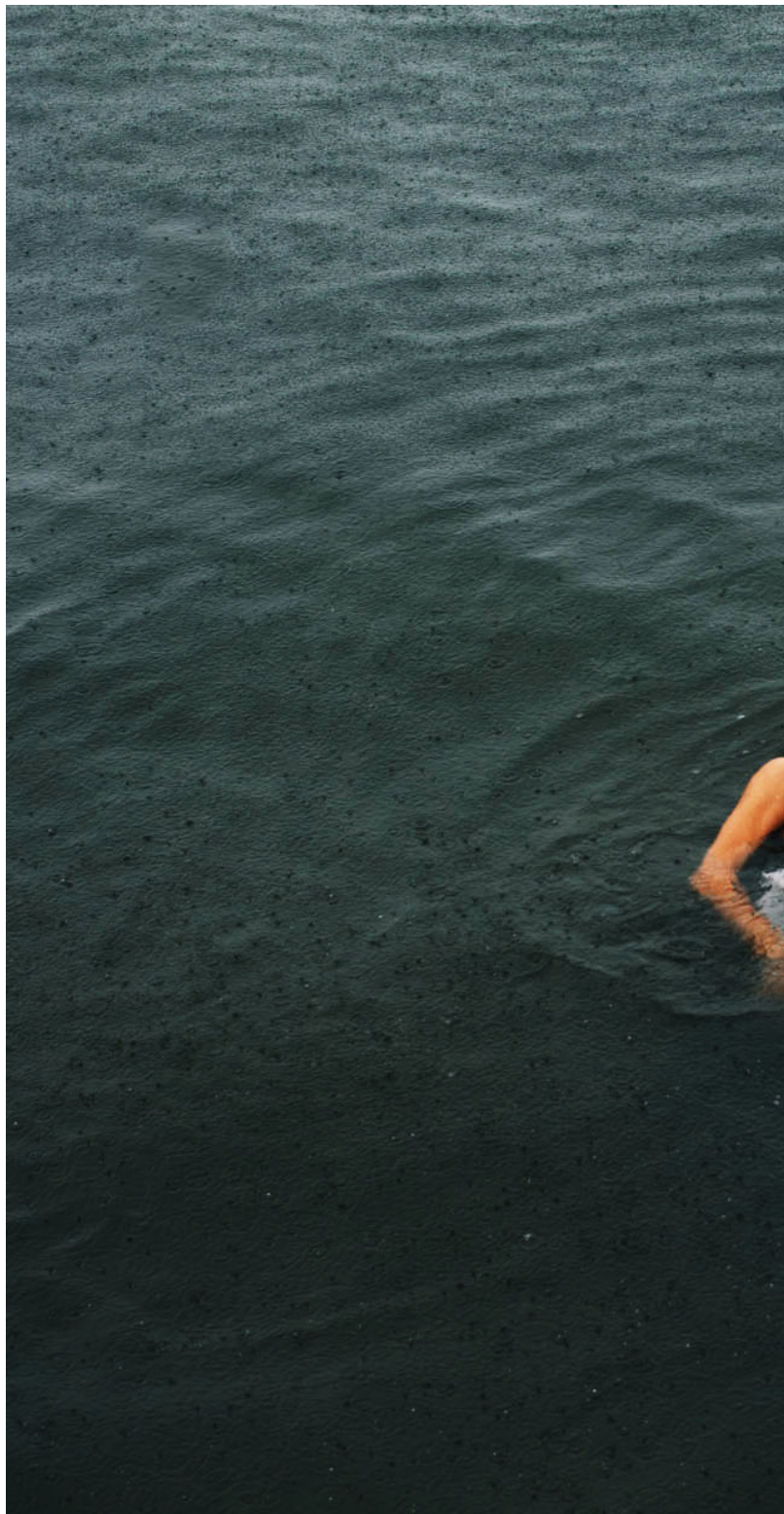


NÁDIA STARIKOFF

Bióloga e arteterapeuta. Artista Plástica / Ilustradora
Curso de pintura - Liceu de artes e ofícios de São Paulo.
Graduada em Ciências Biológicas - Bacharelado e Licenciatura plena F.C.E.E. -UNIVERSIDADE MACKENZIE. Pós - Graduação em Psicopedagogia Institucional - Latu -Sensu UNIFIEO. Pós - Graduação em Psicopedagogia - UNIFIEO, Dissertação psicopedagogia: A possibilidade de tornar o sujeito autor de seu pensamento no processo grupal. Experiência Profissional - Professora de Ciências e Arteterapia. Vivências relevantes Narrativa das vivências em arteterapia com crianças - Implantação do Projeto para o Ensino de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental elaborado pela Escola do Futuro – USP. - Implantação do Projeto Ensino para a Compreensão, desenvolvido pela equipe Sidarta, a partir do projeto Zero, elaborado pela equipe de Hawer Gardner da Faculdade de Harvard.

Capa exposição

RAPHA DUTRA



1
Meu afogamento é o meu batismo - Diptico
Fotoperformance
42cm x 59,4cm
2019



Capa exposição





2
Meu afogamento é o meu batismo - Diptico
Fotoperformance
42cm x 59,4cm
2019

Capa exposição



Corpo-intercessão - Diptico
Fotoperformance/Intervenção fotográfica com sutura
30cm x 30cm
2019

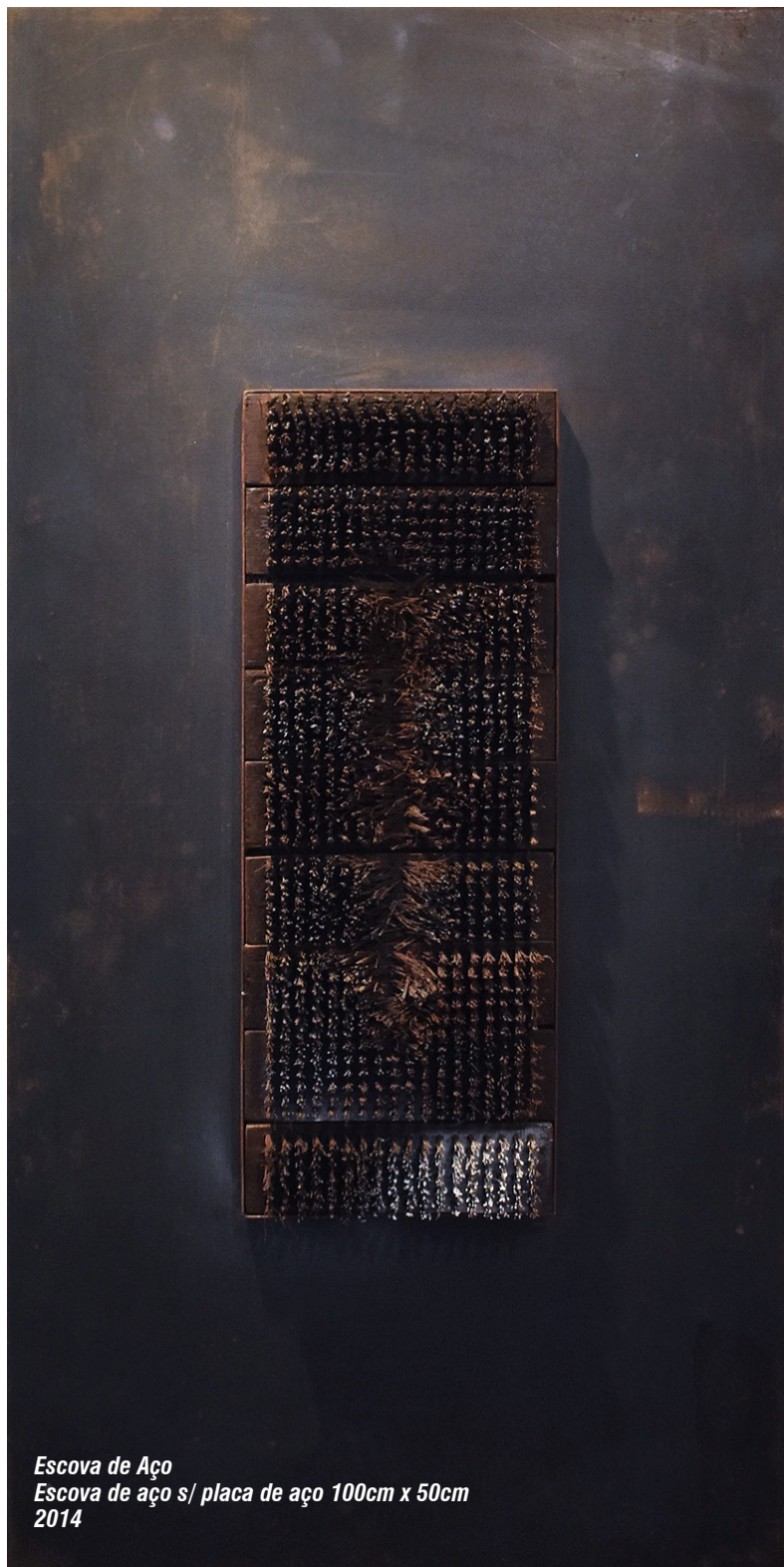


RAPHA DUTRA

Artista visual, fotógrafa e performer, mestranda em processos artísticos pela escola de belas artes da UFBA sobre corpo, memória e representações de gênero na fotoperformance.

Capa exposição

SIMONE PRADO



Escova de Aço
Escova de aço s/ placa de aço 100cm x 50cm
2014



Caixa Aberta
Veludo, gesso s/ caixa de madeira 67cm x 54,8cm
2014

Capa exposição

SIMONE PRADO

Trabalhos, “Caixa aberta, 2014 e Escova de aço, 2014”, associa a força da mulher com a vagina, que denota uma sexualidade no processo do imaginário. Em caixa aberta, a vagina é feita de veludo preto com uma escultura de Rodin, o Pensador dentro dela. O veludo preto lembra ousadia, delicadeza, símbolo da sensualidade, mas no meio uma escultura branca, uma brincadeira da artista, que tem uma conotação da inteligência, que a vagina tem poder.

Ela também insere no trabalho nove escovas de aço, amassadas no meio, em forma de vagina, estabelecendo uma verdadeira antinomia com a delicadeza.

As nove escovas significam os meses de gravidez, nada sensual, e sim a força da mulher em parir, de dar à luz, de procriar.



A f e t o s e m P a i s a g e m s



MOSTRA DA CIA FÁBRICA

on-line no site

www.ciafabricasaopaulo.com

PROGRAMAÇÃO EXCLUSIVA E GRATUITA

05/11 A 12/12

TEATRO

AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ÀS 17h30

7/11
Este Lado para Cima -
Isto não é um Espetáculo
BRAVA CIA DE TEATRO

8/11
A Folia no Terreiro
do Seu Mané Pacaru
MAMULENGO DA FOLIA

14/11
A Ilha Desconhecia
CIA DOS NAUFRAGOS

15/11
Sabiás do Sertão
CIA CÊNICA

21/11
A Farsa do Advogado Pathelin
GRUPO DE CIRCO
E *TEATRO DE RUA ROSA DOS VENTOS*

22/11
Júlia
CIRQUINHO DO REVIRADO

28/11
A Condessa e o Bandoleiro
BARRAÇÃO CULTURAL

29/11
Teatro de Sombras
no Brasil e na Rua!
CIA QUASE CINEMA

VÍDEOAULAS

TEMA: TEATRO DE RUA
ÀS 15h

7/11
Alexandre Mate

14/11
Fábio Resende

21/11
Licko Turle

28/11
Tiche Vianna

5/11
Calixto de Inhamus

12/11
Roberto Rosa

OFICINAS

IDENTIDADE CAIÇARA
ÀS 15h

22 E 29/11
Fátima Cristina Pires

ELABORAÇÃO DE PROJETOS
ÀS 19h

5, 12, 19, 26/11
Cassiane Tomilhero

HISTÓRIAS

COM A TIA PATTY
ÀS 16h30

8, 22, 29/11
6/12
Patricia Vignoli

PROGRAMA ESPECIAL

DOCUMENTÁRIO
ÀS 15h

8/11
Raízes da Juréia

6/12
Grupo Cultural e Artístico
Baobá de Malê

FEIRA CRIATIVA

DURANTE TODA A MOSTRA

Artesãs de Peruíbe
mostram suas artes
e seus saberes
Valorize o artesanato!

EXPOSIÇÕES INDÍGENA E CAIÇARA

DURANTE TODA A MOSTRA

Reúne peças caiçaras
e indígenas. Conheça a cultura
dos povos e comunidades
tradicionais locais

Apoio:

Produção:

Realização:



A MULTIPLICI



Serie Multiplas: O luto 1

O

poder de crescer sem limites e se dividir em infinitas facetas se tornou algo recorrente em minha pesquisa. Eu não me contento em fazer só uma coisa e ser só uma. Cada imagem, cada poema ou peça de cerâmica compõe uma grande colcha de retalhos que estendo sobre meu corpo

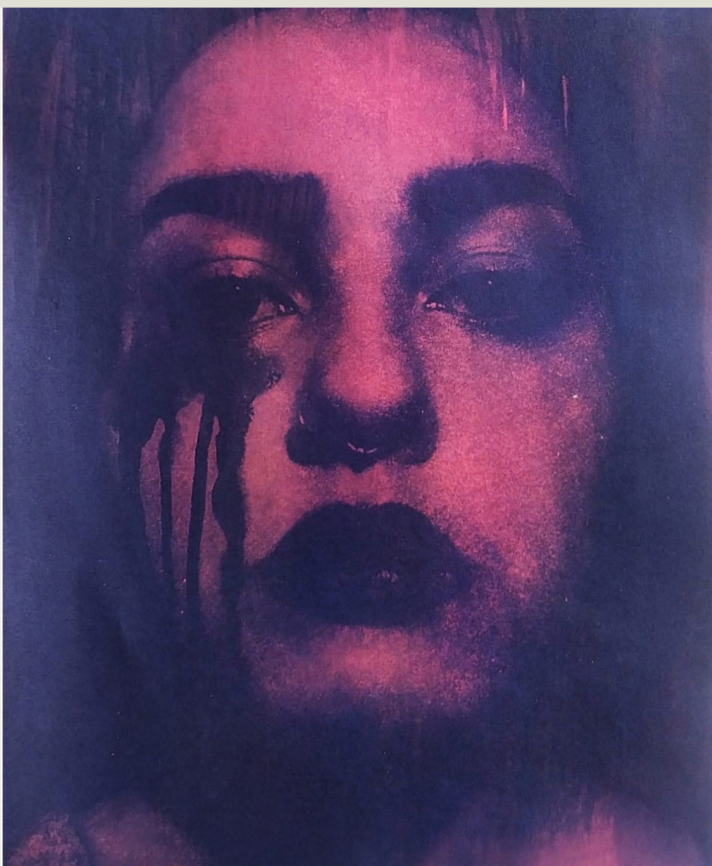
- este se posiciona no centro de tudo o que eu faço, de tudo que me atravessa.

Assim como Perséfone, a deusa grega da primave-

ra e rainha do submundo, eu vivo nos opostos. De um lado, me sinto a filha que corre pelos campos e acende as fogueiras da primavera. Do outro, sou a impiedosa rainha de um reino invisível e inefável. Elas se misturam: posso ser as duas, ao mesmo tempo. E posso ser muitas outras também. No fim, tudo é um ciclo, viver, morrer e renascer.

Trabalho principalmente com autorretratos e poesia. Há algo de sublime em se fotografar: primeiramente, é um jeito de explorar artisticamente nossa identidade ao

DADE ME ENCANTA



Serie Multiplas: O luto 2

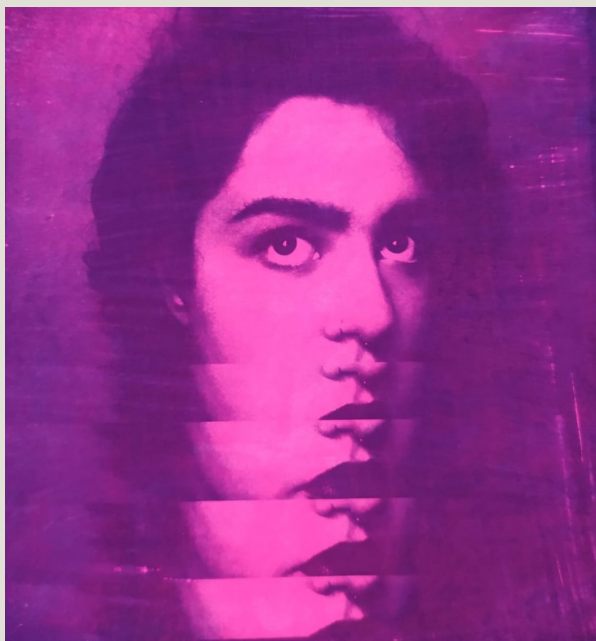


Serie Multiplas: O luto 3

incorporarmos diversos alter egos e nos posicionarmos em todo o tipo de cenário, do mais simples ao mais complexo - seja um armazém abandonado ou uma catedral. Há também um fator prático - Francesca Woodman, por exemplo, chegou a dizer que se fotografava “por uma questão de conveniência, já que estou sempre disponível”. Para além desses fatores, creio que o que mais me atrai na ideia do autorretrato é poder, por um milésimo de segundo, saciar a minha atração pelo mistério da morte, sem haver a necessidade de morrer fisicamente.

É um desencarne simbólico, eu diria. A fotografia é um *memento mori*: contemplá-la é contemplar um momento que já morreu e, portanto, nossa própria mortalidade.

A série “Múltiplas” foi idealizada no contexto da minha tese de conclusão de curso de Artes Visuais no Instituto de Artes da Unesp. Ela é composta por autorretratos e por imagens de sementes de romã. Esta fruta é um elemento muito importante no meu trabalho - a romã figura no mito de Perséfone como o símbolo do elo entre vida e morte, a dualidade da deusa. É também, na minha



Serie Multiplas: A submersão 1



Serie Multiplas: A submersão 2

visão, um símbolo de escolha: Perséfone, ao comer as sementes, se liga eternamente ao submundo, ou seja, ao seu inconsciente. Ela agora é completa.

Cada imagem traz, portanto, uma ideia de multiplicidade. Utilizei papéis e tecidos coloridos para explorar as possibilidades do azul da cianotipia - um tom etéreo que me desperta contemplação e melancolia, em contraste com as cores vibrantes do papel e tecido. Dei boas vindas a imperfeição: as marcas do pincel utilizado para aplicar a solução química, a sub exposição em dias nublados, a falta de aderência no tecido não preparado.

Todas as imagens se juntam, diferentes mas complementares. Cito um poema que escrevi durante a quarentena, “Pé de romã”:

“cada uma delas leva-me
de volta para aquele lugar entre terra entre raízes entre
pedras e cristais brutos entre corpos decompostos entre
mundos.”

Que sejamos levados então.



Serie Multiplas: A submersão 3

TÓIA AZEVEDO é artista visual e poeta. Vive em São Paulo e atualmente cursa Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP. Trabalha com representações do próprio corpo no espaço, tempo e sociedade. Sua pesquisa é centrada em deusas, aspectos primordiais do feminino e no processo cíclico de vida, morte e renascimento. Tem como principais meios a fotografia e a escrita, mas também trabalha com cerâmica, colagem e pintura.



Serie Multiplas_Romãs 1



Serie Multiplas_Romãs 3

Serie Multiplas_Romãs 2



CADA UMA DELAS LEVA-ME DE VOLTA
PARA AQUELE LUGAR
ENTRE TERRA
ENTRE RAIZES ENTRE PEDRAS E CRISTAIS BRUTOS
ENTRE CORPOS DECOMPOSTOS
ENTRE MUNDOS.











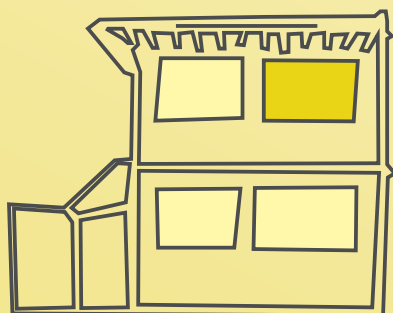












CASAGALERIA OFICINA DE ARTE

DESDE 2004 A CASAGALERIA E OFICINA DE ARTE LOLY DEMERCIAN VEM SE CONSOLIDANDO COMO UM ESPAÇO DE EXIBIÇÃO E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO EM ARTE CONTEMPORÂNEA DA CIDADE, ARTICULANDO EXPOSIÇÕES, PROJETOS, WORKSHOP, E PROGRAMAS PÚBLICOS ENVOLVENDO ARTISTAS EM DIVERSOS ESTÁGIOS DE CARREIRA E DE DIFERENTES NACIONALIDADES.

VISITE-NOS, PRESENCIAL E VIRTUALMENTE

RUA FRADIQUE COUTINHO, 1216 - VILA MADALENA
FONE: 55 11 3841 9620

DE TERÇA A SEXTA DAS 13H ÀS 19H E SÁBADOS DAS 13H ÀS 17H

 CASAGALERIA E OFICINA DE ARTE LOLY DEMERCIAN

 CASAGALERIA_OFICIAL

loly@lolydemercian.com.br / delolis@gmail.com

www.loja.casagaleria.com.br

